

INTRODUÇÃO

Voltei anteontem ao campo base depois de cinco dias na montanha, alguns dos mais intensos de minha vida. Desde que saí daqui do campo base, tudo mudou e tenho dificuldade em dar algum sentido a tudo o que aconteceu. Sempre que desço, uma das primeiras coisas que faço é escrever no meu diário para captar a emoção do momento. Mas só agora, 48 horas desde que cheguei, consigo sentar e escrever. Antes tinha que processar o que estava passando no meu coração e organizar minha mente, que está em completa desordem. Hoje, embora ainda esteja dividido e com bastante medo, já tenho minhas decisões e sei o que acontecerá em um futuro breve: apesar de tudo, vou escalar o Manaslu. Mas tudo será diferente do que havia planejado. Não vou com o Milton e sim com dois escaladores que não conheço. Possivelmente não haverá cordas fixas, nosso cordão umbilical que nos prende à montanha e que nos dá sensação de segurança, por mais efêmera que ela seja. Não completei o terceiro ciclo de aclimação, já que a subida ao campo 3 não aconteceu...o campo 3 simplesmente não existe mais. Noventa por cento dos escaladores já desceram ou descirão entre hoje e amanhã para Sama Gaon e de lá voarão de volta a Katmandu. O campo base parece um lugar de guerra, sendo evacuado às pressas, e mesmo as cores alegres das bandeiras de oração não ocultam a tristeza de todos. Tristeza pelos doze ou mais escaladores que morreram na pior tragédia do Himalaia de todos os tempos. Mas também tristeza pelo final abortado de um sonho acalentado por anos. Alguns já não têm vontade de subir, perderam a motivação. Outros não querem colocar seus entes queridos no sofrimento de vê-los entrarem em uma região onde tão recentemente tantos perderam suas vidas. Outros desistiram por medo. Ver a morte tão de perto é uma experiência chocante.

E nós, que não desistimos? Nada disso nos afetou? Pelo contrário. Posso falar apenas por mim, mas tudo que falei acima me diz respeito. Sinto profundamente pelo sofrimento que sei estar causando à minha família e amigos, a quem me quer bem, tenho medo pelo que virá. Sei que minhas noites lá em cima, as cinco noites que planejo passar acima do campo base, serão tumultuadas, um olho fechado e outro atento aos barulhos da montanha. Ontem uma escaladora da Nova Zelândia me disse que achava obscuro escalar sobre os corpos de tantas pessoas apenas em busca de glória pessoal e que por isso estava descendo. Respeito também sua opinião, mas tenho certeza de que se eu tivesse morrido na avalanche e pudesse voltar e dizer aos escaladores que tinham ficado o que eu sentia, teria dito a eles que a montanha agora parece mais segura e que, por favor, subissem e honrassem seus sonhos e escalassem em homenagem a mim que morri.

Por três dias não fizemos outra coisa senão falar sobre o que aconteceu. Por que aconteceu, como aconteceu, o quê, sabendo agora o que passou, teríamos feito para evitar. Estou farto de tudo isso, das conversas incessantes com os outros e da conversa que não para dentro de minha cabeça, em sonhos e acordado. Nesses três dias especulamos sobre o número de mortos e o número de sobreviventes. Eles variaram imensamente de 30 pessoas mortas a "apenas" quatro. Com fascinação mórbida assimilamos cada nova informação. E as histórias, os dramas pessoais, aos poucos foram vindo à tona, cada um mais sofrido que o outro.

Talvez indo para a montanha amanhã eu consiga novamente focar no que vim fazer aqui, talvez não. Talvez estando lá, onde tudo aconteceu, os fantasmas fiquem ainda mais próximos. Mas quero o trabalho duro da escalada, o silêncio das montanhas, o companheirismo que espero encontrar em meus novos parceiros de escalada e, se tiver sorte, o momento de absoluta felicidade de estar acima de tudo, equilibrado no estreito cume da oitava mais alta montanha da Terra.

MANASLU, A MONTANHA DOS ESPÍRITOS

29 de agosto de 2012 - primeiro dia de expedição

Acordo um pouco assustado e desorientado. Ainda está escuro, mas não tenho ideia de que horas são. Colocamos o despertador para as 4 da manhã para sairmos cedo e com isso talvez evitarmos um pouco do calor que nos espera. Olho no relógio e ainda são 3 da madrugada. A ansiedade de finalmente começar esta expedição foi mais forte do que o cansaço desses dias frenéticos. Desde que cheguei a Katmandu, seis dias atrás, que não paro um minuto. Esta é a primeira vez que sou chefe de uma expedição a uma montanha de 8000 metros e toda a organização da expedição está sob minha responsabilidade. Nesses dias comprei desde itens importantes como barracas, gás, material de escalada, comida para os campos altos, barris plásticos para carregar tudo, até material de higiene pessoal, prendedores, pilhas e mais uma infinidade de itens. Também chequei nossas barracas pessoais, a barraca refeitório, a barraca banheiro, chuveiro. Além disso, tentei deixar minha vida em ordem para me ausentar por 50 dias. Paguei as contas adiantado e deixei dinheiro na conta para quando os cartões de crédito vencerem. Trabalhei das 7 da manhã até às 10 da noite mas, finalmente, ontem às 6 da tarde, risquei os últimos itens da minha infinita lista do que fazer. O Milton, que havia chegado três dias atrás, ajudou-me bastante e o Gilson, que chegou ontem por ter perdido seu voo do Brasil, estava com seu equipamento basicamente em ordem. Saio para comer uma pizza com o Milton e comemorar a chegada deste sonho.

Olhando para trás, vejo que não passou um só dia nesses últimos meses em que eu não tenha imaginado este momento. O céu clareando e nós três iniciando a viagem até o começo da trilha que nos levaria ao nosso objetivo, o Manaslu, a oitava mais alta montanha do planeta. Os sentimentos se misturam uns aos outros. Felicidade misturada com apreensão. Medo com paz. Depois de ter escalado o Evereste, dois

anos atrás, não achei que iria sentir isso novamente. Mas, apesar de ser 700 metros mais baixo, o Manaslu me apresentará outros desafios. Pela primeira vez vou tentar uma montanha de mais de 8.000 metros sem oxigênio suplementar e sem a ajuda de sherpas para carregar o equipamento montanha acima. Isso talvez deixe esta montanha tão ou mais difícil que o Everest. O oxigênio suplementar não só facilita fisicamente, mas também diminui o risco de congelamentos.

Então por que estou fazendo isso? Escalar uma montanha com mais de 8000 já não é um desafio suficiente? O que estou querendo provar? Na realidade, nada. Apenas quero testar meus limites, quero saber o que consigo fazer, onde posso chegar. Ao contrário de muitos, não sou purista, não acho que a única maneira de escalar uma montanha é da forma que farei o Manaslu. Acho que o que é importante é estar na montanha. Mas, como em todos os esportes, existe a busca da superação e para mim, hoje, este é o desafio.

Após uma hora de ruas esburacadas, buzinas e trânsito, finalmente saímos do Vale de Katmandu e começamos a descer rumo ao vale do Rio Trissuli. Conta-se que Shiva, o grande deus hindu, estava sedento e com seu tridente, trissul em hindi, furou a rocha e um grande rio brotou, daí o nome.

Estamos em pleno verão, a época das chuvas que caem torrencialmente em todo país de julho a final de setembro. Katmandu está em seu pior momento, com ruas inundadas, lama por toda parte e um calor abafado que me deixou ainda mais cansado ao fazer minhas mil tarefas. No campo, no entanto, ocorre exatamente o contrário. Em nenhuma outra época do ano o Nepal é tão bonito. O arroz está com aquele tom de verde maravilhoso e o país está coberto por uma vegetação luxuriante. Conforme o carro negocia as curvas fechadas da estrada, nos maravilhamos com os infinitos terraços de arroz que vão do nível do rio até se perderem nas alturas das montanhas. O rio desce veloz e barrento, formando corredeiras que anos atrás eu percorria com meu kayak. Escalar hoje é minha grande paixão, mas sinto falta de minhas férias de kayak no Nepal e na Tasmânia, enfrentando corredeiras classe V, onde a adrenalina se mistura com a beleza da paisagem e onde vales profundos têm uma outra perspectiva vistos do nível do rio.

O plano inicial era fazer a viagem de carro até Arughat mas, em razão das chuvas, a estrada está destruída e temos de caminhar 3 horas para chegar ao nosso primeiro destino. O trecho de estrada estava planejado para durar ao redor de 4 horas, mas claro, acaba durando bem mais do que isso. Algumas vezes atolamos, outras paramos para filmar e fotografar, além das paradas obrigatórias para o chá com leite. Finalmente chegamos em Arughat às 4 da tarde, depois de um dia muito quente. Não caminhamos muito, mas com o calor, a ansiedade e o longo dia, estou exausto. Mas o desejado banho gelado tem de esperar. Nosso muleiro insiste que temos de ter 21 mulas, cada uma carregando 60 quilos. Parece-me um exagero tantos animais. Tenho que ter em mente nosso orçamento e acabamos tendo de abrir nossos barris cuidadosamente empacotados em Katmandu para tentar diminuir o número deles. Finalmente, às 5 da tarde, estou pronto para relaxar. Um pouco mais tarde vem o jantar e logo após vou dormir. A partir de amanhã nossa vida seguirá um ritmo muito simples: comer, caminhar e dormir. Para trás vão ficar as preocupações com meus próximos grupos, com bancos, com e-mails. A expedição vai começar e o foco passa a ser um só: a montanha.

30 de agosto de 2012 - segundo dia de expedição

Ao invés de acampar, ontem decidimos ficar em um dos simples hotéis de Arughat. O calor estava sufocante e o quarto, com apenas duas camas e nada mais, tinha um grande atrativo: ventilador de teto. Mal acabei de jantar, fui para o quarto e imediatamente adormeci. Acordei às 3 da manhã com muito calor. A eletricidade tinha acabado e, com isso, o ventilador parou. Abri as janelas, mas tudo o que aconteceu foi entrar um bafo quente. Voltei a adormecer e às 5:30, quando ouvi o familiar "good morning! Black tea?" do Ham, me despertando com um chá quentinho, sentia-me descansado e feliz.

Começamos a caminhar às 6:30 para aproveitar a temperatura mais fresca da manhã e, assim que saímos do vilarejo, nos deparamos com uma paisagem lindíssima que nos acompanhou por todo o dia. Caminhamos ao lado do caudaloso Budi Gandaki, às vezes muito próximos às suas águas, outras bem mais acima, no vale estreito. A cada poucos minutos parávamos para apreciar uma das maravilhosas cachoeiras que

despencavam de alturas impressionantes. Por todas as encostas, plantações verdejantes de arroz quase na hora da colheita. Caminhávamos um pouco e parávamos para responder a um sorridente "Namaste" de um grupo de crianças, para ver uma cachoeira ou para filmar alguma cena do dia a dia que nos chamava a atenção. Sabíamos que tínhamos pela frente um dia curto, já que os carregadores tinham saído mais tarde, tendo ficado para trás para arrumar todo nosso equipamento. Por duas vezes paramos para nos refrescar em uma cachoeira ao lado da trilha e à tarde a chuva que ameaçava cair desde que saímos de Katmandu finalmente desabou sobre nossas cabeças: morna, forte, deliciosa e revigorante.

Enquanto caminhava pensava que, se dez anos atrás, alguém tivesse me pedido para descrever que tipo de vida eu gostaria de ter em dez anos, eu teria descrito alguma coisa muito semelhante ao que tenho hoje. Para mim, uma vida de sonho. Creio que este é um sonho muito diferente da maioria das pessoas, mas para mim é exatamente o que gosto. Poderia passar meses fazendo exatamente isso, caminhando por trilhas em lugares remotos com amigos e interagindo com pessoas locais sorridentes e simpáticas. O sorriso não deixou meu rosto durante todo o dia...

Chegamos a Lapubesi às 5 da tarde, após uma parada de quase 4 horas na parte mais quente do dia. Nossa equipe chegou um pouco depois, montou nossas barracas, um luxo que não teremos na montanha, e nos serviu o chá da tarde com bolachas. Fomos, então, a uma pequena cachoeira tomar um maravilhoso banho, com direito a massagem nas costas com a água que caía de 3 metros de altura na temperatura perfeita. Estamos a apenas 880 metros de altitude e temos de aproveitar esses banhos nos próximos três dias. Tenho certeza de que sentirei saudades disso tudo dentro de alguns dias.

Estou muito feliz em ter os companheiros que tenho nesta expedição. Ambos conheço a razoavelmente pouco tempo, mas nesses últimos 8 meses já estivemos na montanha várias vezes e nada como este tipo de experiência para solidificar uma amizade. Conheci o Milton Marques por acaso na Ilha Bela, onde estava aprendendo kite surf com o objetivo de tentar usar na expedição que estava planejando na Antártica. Ele estava na mesma pousada, de férias com sua esposa Ana, e imediatamente encontramos mil pontos em comum. Assim como eu, o Milton é guia de montanha há muitos anos e muito experiente. Trabalhou na Outward Bound no

Brasil como instrutor e há cinco anos mudou-se para Bariloche, na Argentina, em busca de melhor qualidade de vida. Trocamos e-mails e um pouco depois começamos a planejar maneiras de trabalharmos juntos. Com o passar do tempo o conheci melhor e minha admiração por ele só cresceu. É reservado em relação à sua vida pessoal, mas no dia a dia é de riso fácil. Porém, ao trabalhar, muda, torna-se sério e perfeccionista. Dono de uma autoconfiança invejável, é fácil confiar nele.

Minha história com o Gilson Francisco também é razoavelmente curta, porém muito intensa. Nove meses atrás recebi um e-mail dele onde se apresentava como um homem de 45 anos, casado e com dois filhos já adultos. Nunca havia praticado esportes e muito menos feito qualquer montanha ou trekking e me perguntava se eu podia ajudá-lo a realizar um sonho: escalar o Evereste dentro de dois anos. Para isso tinha decidido parar de trabalhar por este tempo e dedicar-se de corpo e alma para realizar este projeto. É dono de uma empresa, está bem financeiramente e pode dispor de tempo e recursos para isso. Depois de conversar com ele algumas vezes para saber de sua seriedade, aceitei ajudá-lo. Como não tinha experiência anterior alguma, desenhei um cronograma ambicioso que inclui vinte módulos, viagens de trekking ou escalada de dificuldade gradualmente crescente que, no final, o transformará em um razoavelmente curto espaço de tempo, em um escalador experiente e competente, minha condição *sine qua non* para levá-lo ao Evereste. No decorrer desses dois anos também escalaremos juntos os Sete Cumes, a montanha mais alta de cada continente, projeto este que acabo de concluir, tendo me tornado o segundo brasileiro a fazê-lo. Nesses oito meses de treinamento ele fez um curso de trekking, outro de escalada em rocha, um de escalada em neve e gelo, trekkings no Brasil, e escalou nos Alpes, América do Sul, Rússia e Tanzânia. Hoje já conta com dois dos Sete Cumes (Elbrus e Kilimanjaro) e seu progresso foi notável. Com a ajuda de um personal trainer e uma nutricionista, ambos de minha equipe, hoje está com um preparo físico formidável, emagreceu, diminuiu a porcentagem de gordura corporal e está cada vez mais competente como escalador. Ainda tem um longo caminho pela frente até eu poder considerá-lo apto para tentar o Evereste, mas tenho confiança que nesses 19 meses que temos pela frente conseguirá obter os conhecimentos e a experiência que faltam. É extremamente alegre, constantemente de bom humor e determinado a alcançar seu objetivo. Estou muito feliz em ter os dois como companheiros de escalada!

Junto conosco temos dois dos sherpas que trabalham comigo no Nepal há muitos anos, o Rinji, que será o base camp manager, e o Dorje, chefe de minha equipe e que acompanhará o Gilson até o campo 3, seu objetivo nesta expedição, e depois seguirá comigo e com o Milton para o cume como escalador e não mais como sherpa. Assim como nós, tentará o cume sem oxigênio suplementar. Ele não tem muita experiência em escaladas, fez apenas o curso básico no Nepal e subiu algumas vezes o Island Peak e o Mera Peak, mas sonha em tornar-se um sherpa de escalada, uma das únicas saídas profissionais reais para um nepalês. Enquanto um sherpa que trabalha em trekkings ganha ao redor de US\$ 15 por dia, um sherpa que participa de uma escalada ao Evereste chega a ganhar US\$ 5000 em 60 dias de trabalho!

31 de agosto de 2012 - terceiro dia de expedição

No último mês dormi muito mal. Tive insônias com muita frequência e, mesmo quando não tinha, acordava várias vezes a cada noite. Estava preocupado com meus grupos, com a organização das viagens e com a expedição ao Manaslu. Mas tudo isso ficou para trás. Desde que saí de Katmandu tenho dormido um sono ininterrupto de 10 horas, sem acordar para nada. Isso é muito bom, pois tenho de reunir forças nesses dias para chegar ao campo base forte e descansado. Também tenho de tentar ganhar um pouco de peso, já que nesses últimos 5 meses estive praticamente o tempo todo em altitude, carregando uma mochila muito pesada, e com isso acabei emagrecendo. Em uma expedição como a que tenho pela frente o esperado é perder de 10 a 15% do peso corporal!

Saímos cedo para evitar o pior do calor do dia. Mais uma vez o dia foi maravilhoso. O vale, que antes era razoavelmente largo, hoje estreitou-se, transformando-se praticamente em uma garganta e de suas paredes altíssimas dezenas de cachoeiras descem, chocando-se ruidosamente com as rochas abaixo. O rio que até ontem descia caudaloso, porém calmo, hoje transformou-se em uma massa assustadora de corredeiras imensas. A trilha, assim como ontem, subiu e desceu pelas encostas íngremes, embora hoje fosse em muitas partes cavada na rocha. Em muitas partes tivemos de usar trilhas muito precárias, já que a trilha principal havia sido levada por desabamentos de terra. Em um desses desvios uma de nossas mulas escorregou

e um barril cheio de comida do campo base despencou no rio e desapareceu. Ainda não sabemos exatamente o que tinha dentro, já que só abriremos todos os barris em Sama Gaon, o destino final das mulas. De lá subiremos ao campo base usando carregadores, exigência dos habitantes deste vilarejo. Por sorte, não foi um barril com as barracas, ou com nossas botas de escalada, pois aí sim, o problema seria imenso.

No caminho passamos por vários vilarejos compostos por casas de madeira com tetos de zinco. Casas muito simples com terrenos de terra batida na frente, onde uma infinidade de crianças brincava entre galinhas e pintinhos. Como em outras regiões do Nepal, a maioria das pessoas que vemos são mulheres, já que os homens, principalmente nesta época de expedições, estão trabalhando como carregadores ou muleiros. A população aqui ainda é predominantemente hindu, como 87% da população nepalesa. Em cima das portas, na entrada das casas, pequenas estátuas de Ganesh, o filho de Shiva e Parvati, o removedor de obstáculos, protege seus habitantes. No pórtico de terra batida está o fogão também de barro e alimentado por gravetos coletados pelas crianças. Também é delas a função de trazer água para casa várias vezes ao dia. Desde cedo, acostumam-se a carregar quase o seu peso em uma cesta apoiada na testa por uma fita de sisal. Apesar de pobre, esta região está se beneficiando do turismo cada vez maior que busca uma alternativa às trilhas mais turísticas do Evereste e do Annapurna.

Mais uma vez, o calor está muito intenso e paramos por algumas horas no almoço para descansar, não da caminhada, que para nós não foi muito pesada, mas do calor. Um pouco antes do final da caminhada passamos pelo pequeno vilarejo de Tatopani, palavra que significa "água quente", já que na entrada do vilarejo tem uma fonte termal onde, infelizmente, não tivemos vontade de entrar por causa do calor. O Nepal encontra-se sobre duas placas tectônicas e as imensas montanhas ao nosso redor são justamente o resultado do choque dessas placas, choque este que ainda está acontecendo. Apesar de terremotos não serem tão comuns, existem vários vilarejos com fontes de águas termais como este onde estamos.

Após o almoço, seguimos por mais duas horas até chegarmos a Dobhan, um pequeno agrupamento de casas ao lado de um afluente do Budhi Gandaki. Tomamos um banho já um pouco mais frio do que até então, logo em seguida foi servido o chá da tarde e

o restante da tarde foi gasto conversando, escrevendo nossos diários e ouvindo música.

01 de setembro de 2012 - quarto dia de expedição

Dormi embalado pelo som musical de uma forte chuva caindo sobre a barraca. Quando acordei, a chuva já havia parado, mas o céu permanecia nublado. Esta chuva nos proporcionou uma boa dose de emoção logo no começo de nossa caminhada. Durante a noite ocorreu um grande desabamento de terra que, pela manhã, ainda estava acontecendo. Paramos a uma distância segura para avaliarmos se poderíamos passar com certa segurança. Podíamos ver as pedras lá em cima rolando e uma grande quantidade de água descendo. Passamos um de cada vez, o mais rápido que podíamos, com lama até quase os joelhos, com os outros olhando para ver se descia alguma pedra. Quando acabamos de passar, o desabamento recomeçou levando uma árvore enorme em seu caminho. Mais uma vez, como tantas outras nestes dias, olhando a força do rio descendo em suas corredeiras imensas, renovei meu respeito pelas forças da natureza. O que estamos presenciando aqui se repete todos os anos durante esta época e destrói com facilidade meses de trabalho construindo estradas e trilhas. Ainda hoje a maneira mais comum de chegar-se de um vilarejo ao outro é caminhando com seus pertences nas costas. Estradas estão sendo construídas, mas este é um trabalho constante onde, a cada ano, se reconstrói metade do que já estava pronto.

Seguimos subindo gradualmente, acompanhando o Budhi Gandaki, ora de um lado, ora de outro, cruzando pontes suspensas e caminhando por trilhas muito precárias. Este trekking somente agora está tornando-se popular, apesar de sua beleza extrema. De dois anos para cá, a última vez que percorri essas trilhas, muito já mudou. Aos poucos as casas vão se transformando em lodges bem simples, mas que já permitem que os trekkers possam fazer esta caminhada sem ter de acampar. Lembro-me dos tempos em que o trekking ao campo base do Evereste também era assim, muito diferente de hoje, onde os lodges são muito mais luxuosos, com banheiros ocidentais ao lado dos quartos, chuveiros a gás e menus com pizzas e tortas de maçã. Mas, mais do que em qualquer outro aspecto, a diferença mais

marcante é no que se refere às trilhas. No Evereste elas são largas, bem pavimentadas, enquanto aqui, principalmente nesses meses de chuva, muito mais precárias. Passamos os dias com os tênis encharcados, já que não existem pontes sobre os pequenos riachos laterais. Além disso, muitas vezes, com a chuva, as trilhas transformam-se em pequenos riachos e, em muitos lugares, elas simplesmente desaparecem por causa dos desabamentos de terra.

O padrão da trilha hoje foi de platôs, onde o rio seguia manso e tranquilo seguido de corredeiras violentíssimas que levavam a outro platô. Com isso, gradualmente, fomos ganhando altitude. O calor que de manhã ainda estava muito intenso foi amenizando com o ganho dos metros e, ao chegarmos em Philin, a 1600 metros de altitude, a temperatura, pela primeira vez em 4 dias, estava agradável. Ao contrário dos outros dias, quando chegávamos ao local de almoço e lá ficávamos esperando por nossa equipe, muito mais lenta que nós, hoje decidimos sair com um pouco de comida que nosso cozinheiro preparou para nós e assim fizemos nosso ritmo sem precisar esperar por eles. Com isso, às 13 horas já havíamos chegado ao nosso destino do dia e pudemos tomar um bom banho, lavar roupa e assim, quem sabe, amanhã poder vestir roupas secas pela manhã. Desde que saímos de Katmandu que usamos todos os dias a mesma roupa, sempre molhada, de manhã por ter sido lavada no final da tarde e durante o dia por causa do suor.

Uma das coisas mais fascinantes deste trekking é que ele oferece um corte vertical de todos os ecossistemas do Nepal, começando a 600 metros de altitude com plantações de arroz em terraços e onde a maioria da população é hindu. Com o ganho de altitude, o arroz dá lugar ao milho e à batata e adentramos à região de maioria budista. As casas que eram de madeira passam a ser construídas puramente de pedra, inclusive os tetos. Hoje passamos pela primeira vila budista com bandeiras de oração, manis (muros com inscrições budistas) e chortens, relicários ao redor do qual os budistas caminham no sentido horário entoando mantras para ganhar méritos. Mas a diferença mais clara entre vilarejos budistas e hindus é a limpeza e a organização. Os vilarejos pelos quais passamos hoje, apesar de muito pequenos e simples, tinham a rua pavimentada e não se via mais lixo no chão. Estamos andando agora paralelos a uma cadeia de montanhas que faz a divisa entre o Nepal e o Tibete. A população local é composta de imigrantes tibetanos, coletivamente

chamados de Bhotias que, por motivos políticos, cruzaram para este lado da fronteira séculos atrás, mas que conserva, como em poucas outras regiões do Nepal, seus hábitos, vestimentas, língua e religião.

Muitos dos outros grupos de escaladores mandaram seu equipamento em mulas na frente e, dentro de alguns dias, voarão para Sama Gaon de helicóptero para ganhar tempo. Uma expedição a uma montanha com mais de 8.000 metros é um empreendimento muito demorado, normalmente mais de 40 dias. Usando helicópteros na ida e na volta pode-se poupar ao redor de 10 dias de caminhada. Mas, eu não perderia de forma alguma esta caminhada da qual gosto tanto. Porém, não foi a beleza que fez com que eu decidisse caminhar. Acho que nesta caminhada temos tempo para desligar-nos de tudo que não seja a expedição e aos poucos mergulhar emocionalmente e espiritualmente na escalada. Agora, depois de 4 dias, Katmandu, trabalho, internet e tudo mais ficou para trás. Estou totalmente imerso no aqui, no presente, e amando cada minuto da caminhada.

02 de setembro de 2012 - quinto dia de expedição

Adormeci com o barulho da chuva na barraca e acordei da mesma forma. O céu estava completamente fechado e a esperança de avistar o Manaslu desapareceu assim que abri o zíper da barraca. Quando saímos ainda estava chovendo e não há nada mais desagradável do que começar um dia de caminhada com chuva. Mas os deuses das montanhas foram gentis conosco e, depois de meia hora na chuva, o céu clareou um pouco e o sol até ensaiou a sair. Agora que já estamos caminhando em altitudes maiores, já não faz tanto calor e o sol chega até a ser bem-vindo. Agora que o calor já é uma coisa do passado, começo a pensar que ele deixará saudades muito em breve. Aliás, agora que estou tão tranquilo caminhando apenas cinco horas por dia quase sem carga em uma trilha lindíssima, é muito difícil acreditar que em poucos dias estaremos passando tanto sofrimento com frio extremo, exaustão e muito trabalho.

A trilha hoje não é tão espetacular como nos outros dias. As cachoeiras desapareceram, assim como os lindíssimos terraços de arroz. Em compensação, ela é agradabilíssima por dentro de uma floresta temperada com pinheiros enfeitados

completamente por musgos, onde temos a impressão de que vamos nos encontrar com duendes a cada curva. O caminho, de um modo geral, é muito estreito, mal tendo lugar para as mulas passarem com suas cargas. O Budhi Gandaki, que era um rio largo e muito caudaloso, a cada hora que caminhamos torna-se menor e mais estreito, ainda que continue com corredeiras assustadoras. Este é o trecho mais isolado da trilha, com pouquíssimas casas e na maior parte do tempo dentro da floresta. A trilha que normalmente tem estado muito cheia com os comboios de mulas, hoje está deserta, favorecendo ainda mais que cada um siga com seus pensamentos. Para mim ainda é difícil me imaginar na montanha, embora pense bastante em como será esta expedição. Enquanto caminho, divago, sempre flutuando entre o passado e o futuro.

Por causa de problemas políticos, protestos dos monges tibetanos contra a opressão chinesa, o Tibete está fechado, então todas as expedições que iriam ao Cho Oyu e ao Shishapagma acabaram mudando de planos na última hora e estão indo para o Manaslu. Os números variam de acordo com quem você conversa, mas a montanha está com ao redor de 40 expedições, um número muito maior do que nos anos anteriores. Isso me deixa preocupado, pois o cume do Manaslu é muito pequeno e só permite uma ou duas pessoas de cada vez e posso imaginar grandes congestionamentos no dia de cume. Como vamos estar sem oxigênio isso é ainda mais sério, já que o risco de congelamentos é muito maior.

Se nos primeiros dias caminhávamos juntos e conversando muito, agora, na maior parte do tempo, caminhamos sozinhos, cada um envolto em seus pensamentos. Ontem terminei de ler um relato de um inglês que escalou o Manaslu no ano passado com oxigênio. Ele foi cliente de uma das grandes operadoras de alta montanha e seu grupo, de acordo com sua descrição, era, de um modo geral, bastante forte e experiente. Ele mesmo já havia tentado outras duas montanhas com mais de 8.000 metros sem conseguir chegar ao cume e dois de seus companheiros já haviam feito o Evereste. Mesmo assim, apenas metade dos escaladores chegou ao cume, alguns desistindo por frio e outros por cansaço. O livro me deu uma compreensão melhor de como é a montanha e me ajudou a ter algumas ideias de como abordar a estratégia de aclimação. Por outro lado, após ler com muitos detalhes o sofrimento do autor para conseguir chegar ao cume, e isto com oxigênio, não deixei

de ficar apreensivo. Nunca tendo ido mais alto que 7300 metros sem oxigênio, é bastante difícil avaliar o quão difícil será fazer o que estou me propondo. Outra coisa que me deixou pensativo é como o clima comportou-se no ano passado no Manaslu. De acordo com a descrição do livro, choveu no campo base basicamente todos os dias de setembro e eles só conseguiram uma janela de bom tempo no dia 5 de outubro. Sei que escalar um 8000 é um jogo de paciência, de muita paciência. Já enfrentei isso no Everest onde, após estar pronto para o cume, ainda tive de esperar por 17 dias pela minha chance. Mas ficar em um campo base com chuva todos os dias é muito mais complicado. Posso imaginar o quanto isso pode ser debilitante psicologicamente. Mas isso pertence a um futuro ainda hipotético. De um modo geral, tenho muita sorte com clima nas montanhas. Fiz todos os Sete Cumes, o Everest e o Cho Oyu sempre na primeira tentativa, enquanto alguns outros escaladores só conseguem seus objetivos após duas ou três expedições.

Hoje o dia transcorreu como o anterior. Saímos antes de nossa equipe, colocando um ritmo forte e deixando-os muito para trás rapidamente. Esta é uma das delícias deste trekking. Quando estou guiando tenho de caminhar no ritmo do grupo, que é muito mais lento do que o meu, e apesar de estar acostumado e entender que é assim que funciona, não deixa de ser um pouco frustrante às vezes. Agora, no entanto, posso caminhar rápido, no meu ritmo natural. Chego descansado apesar de ter caminhado por vários quilômetros em uma trilha bem irregular, onde para cada 100 metros verticais ganhos acabamos subindo o dobro disso por causa das infinitas subidas e descidas. Almoçamos o lanche que o Purna havia preparado para nós e continuamos caminhando até à 1 da tarde, quando chegamos ao nosso objetivo do dia. Apesar de termos feito um dia e meio do nosso cronograma habitual, chegamos muito cedo. Nossa equipe chegou duas horas depois.

03 de setembro de 2012 - sexto dia de expedição

Comecei a caminhar pensando em como teremos de subir desde que iniciamos este trekking até chegarmos ao cume. Ao contrário do Everest, onde o trekking começa a quase 3000 metros, este começou a 600 metros, e com isso o ganho de altitude

até o cume é de 7500 metros, dos quais até esta manhã tínhamos subido apenas 1400, e isso após 5 dias de caminhada razoavelmente dura.

A manhã, mais uma vez, estava completamente nublada e, mal começamos a caminhar, começou a chover. Minhas roupas que estavam quase secas voltaram a ficar encharcadas, algo que apesar de já dever estar acostumado, ainda incomoda.

A trilha seguiu como sempre, subindo e descendo, e para cada cem metros que ganhamos tivemos de subir 200. Após duas horas de caminhada adentramos uma linda floresta com árvores gigantescas e troncos de até dois metros de diâmetro. A trilha serpenteava por entre as árvores e, embalado por meu Ipod, subi 400 metros sem parar em um ritmo super forte. Já estou há mais de 100 dias quase que ininterruptamente nas montanhas e sinto-me em uma das minhas melhores formas. Nesses últimos 3 meses, quase sem intervalos, guiei o Marrocos, Alpes Franceses, Mongólia, Elbrus e Kilimanjaro sempre com mochilas pesadíssimas e agora estou colhendo os frutos deste treino. Enquanto subo rápido, penso que em breve estarei escalando dez vezes mais devagar do que ando agora.

Ao final da subida minhas pernas começam a reclamar, mas mesmo assim continuo sem diminuir o ritmo, sempre pensando no que vem mais adiante. Após 4 horas de ritmo forçado, paramos para comer e em pouco tempo estávamos subindo outra encosta íngreme novamente em um ritmo muito forte. Finalmente estamos ganhando altitude e nosso acampamento está a 3100 metros. Subimos o total de 1650 metros em um dia!

Um pouco antes de chegarmos a Lho, o vilarejo onde dormiríamos, visitamos uma gopa, uma pequena sala de cerimônias, antiga e cheia de divindades aterrorizadoras, poderosas entidades protetoras budistas. Durante o dia me lembrei do conselho que recebi do lama Geshe Rimpoche em Pamboche, a caminho da escalada do Evereste. Que eu mantivesse minha mente pura e ajudasse quem precisasse. Essa era a chave para meu sucesso na montanha. Aos poucos vou realmente entrando no espírito de uma peregrinação rumo a um objetivo maior. Na montanha é onde me sinto mais em união com tudo e onde me sinto mais feliz. Neste trekking tive muitas oportunidades de sentir-me assim. Hoje, naquela floresta mágica, não mais caminhava, flutuava de tanta felicidade. Ainda que essa expedição

acabasse agora, já teria valido a pena pelas paisagens lindíssimas, pelo companheirismo que a cada dia aumenta entre nós três e por esses momentos tão especiais. Claro que mais tarde, quando já tiver investido muito mais energia para chegar ao cume, a vontade de realmente chegar lá tomará conta, por mais que diga e que tente me convencer que o que importa é o caminho.

Fiz minhas prostrações em frente a Buda e, como sempre acontece quando estou em lugares budistas, senti minha conexão com esses maravilhosos ensinamentos se fortalecer. Ao colocar minhas mãos na cabeça, na boca e no coração recitava "que eu não cause dano a nenhum ser vivo com meus pensamentos, palavras e ações".

Chegamos a Lho, meu vilarejo predileto quando fiz este trekking 5 anos atrás, e muito já havia mudado. Aliás, isto está sendo uma constante neste trekking. A cada vilarejo posso ver uma atividade febril em construir lodges. Vilas que antes tinham apenas um espaço para acampar, hoje possuem dois lodges bonitos quase prontos. Merecidamente, o trek ao redor do Manaslu finalmente está recebendo trekkers. Este é um dos trekkings mais bonitos do Nepal e ainda é culturalmente muito preservado. As pessoas ainda se vestem com as tradicionais roupas tibetanas, inclusive as crianças, mantêm sua religião, sua língua e seus costumes. Não há muitos lugares como este no mundo...

Esperamos quase duas horas para nossa equipe chegar, mas mesmo assim os carregadores que estão trazendo nossas barracas ficaram para trás e decidimos que seria melhor dormirmos em um quarto ao invés de esperar por eles, que deveriam chegar à noite. Hoje, mais uma vez, fizemos um dia e meio de caminhada, porém, desta vez, foi um dia realmente duro. Caminhamos 8 horas quase ininterruptas com muito ganho de altitude e vamos dormir acima de 3000 metros, altitude que já afeta nosso desempenho. Mas estamos quase chegando ao nosso objetivo. O trekking termina amanhã, com uma caminhada curta. Já devemos almoçar em Sama Gaon, nossa base por dois dias de aclimatação.

04 de setembro de 2012 - sétimo dia de expedição

Acordamos com mais tranquilidade hoje, já que teríamos apenas 3 horas de caminhada. Pela primeira vez desde que saímos de Katmandu, o céu mostrava algum azul, apesar de as montanhas continuarem encobertas.

Saímos às 8 da manhã e nossa trilha começou com uma forte descida de 100 metros e, em seguida, fizemos os 500 metros de subida que nos levaria até o platô onde fica Sama Gaon. No meio do caminho, em um pequeno vilarejo completamente tibetano, encontrei uma enorme roda de rezar de dois metros de altura. Essas rodas de rezar são cilindros de madeira decorados com inscrições religiosas e com centenas de mantras dentro, geralmente "Om Mani Padme Hum", o mantra do Dalai Lama, e que pode ser interpretado como um pedido de que "a sabedoria e a compaixão se unam no meu coração". Entrei e decidi rodar a roda 108 vezes, o número sagrado para os budistas. Enquanto rodava, entoava o mantra e agradecia por tudo o que foi esta expedição até agora e oferecia essa felicidade para todos. Também pedi permissão para entrar no mundo das montanhas, habitado pelos deuses, de acordo com a tradição budista tibetana. Saí de lá com o coração leve e, mais do que nunca, com alegria de estar aqui fazendo o que estou fazendo.

Às 10 da manhã chegamos à Sama Gaon e nos instalamos em nosso lodge, que era bem simples. Comemos um pouco e nas próximas duas horas organizamos todos os barris que não víamos desde o segundo dia de trekking. Nossas mulas chegaram aqui ontem, deixaram nosso equipamento e já desceram. Estava um pouco aflito para ver se tudo estava aqui. Desde que perdemos o barril de comida, fiquei preocupado. E se ao invés de comida tivesse sido o barril com nossas barracas, ou com as botas? Felizmente, tudo estava aqui, sem problemas.

Pela primeira vez em uma semana vimos outros estrangeiros. Ao contrário de nós, que havíamos caminhado, todos estão chegando de helicóptero e, assim, economizando uma semana de expedição. O ponto social é o lodge que tem internet e lá conheci 3 equatorianos que, assim como nós, vão tentar sem sherpas e sem oxigênio e também um grupo de italianos liderados por um escalador que já fez as quatorze montanhas com mais de 8.000 metros sem oxigênio, o objetivo máximo de escaladores de alta montanha. Todos super simpáticos. Ficamos conversando por duas horas enquanto esperava uma brecha para internetar e mandar mais um boletim para a Lisete.

De acordo com as notícias que estão chegando, este ano há 300 escaladores no Manaslu além, claro, de outros 150 sherpas. Isso significa 450 pessoas tentando o cume, muito mais do que o normal para esta montanha. Preocupante....

Sama Gaon está situado em um lindo platô, muito fértil e, se no resto da trilha vimos sinais de que o turismo está chegando, aqui isso é ainda mais evidente. Nada menos do que quatro novos lodges estão sendo construídos ou reformados e o pequeno vilarejo é um formigueiro de atividade. Em um lado marceneiros trabalham com maestria esculpindo portas e janelas sempre decoradas com motivos geométricos. Pode-se ficar horas admirando a perfeição de seu trabalho. Filas e filas de carregadores, homens, mulheres e crianças vão buscar pedras de grandes blocos às margens do rio, que são cortadas à mão. A temporada de trekking está próxima. Em outubro os trekkers começarão a chegar e os lodges devem estar prontos até lá. Mas o mais fascinante para mim é observar o trabalho de construir paredes de pedra, sem cimento, sem nenhuma outra liga, apenas a colocação de pedra sobre pedra, buscando o encaixe natural. Os cantos das paredes são absolutamente perfeitos, como se tivessem sido cortados à máquina. Mas não, tudo é feito à mão, de forma perfeita.

Posso imaginar, em um futuro não muito distante, Sama Gaon como Namche Bazaar na trilha do Everest, com dezenas de lodges com banheiro no quarto, chuveiro a gás, internet cafés e lojinhas vendendo artesanato e roupas de montanha. O vilarejo tem tudo para isso. Está no centro de um grande platô, tem terra para expandir. Aqui os escaladores, uma vez por ano, injetam uma grande quantidade de dinheiro, já que ficam 3 dias aclimatando, pois chegaram em helicópteros. No futuro não muito distante, talvez cheguem até de avião, já que existe terra plana suficiente para a construção de uma pista de pouso. Mas não é só de escaladores que Sama Gaon pode viver. Como justamente aqui a trilha começa a ganhar altitude, para os trekkers aqui também seria o ponto ideal para passar duas noites antes de seguir para o passo, o Larkia La. Com 5150 metros, este passo liga os dois vales que compõem o trek ao redor do Manaslu.

Enquanto tudo isso não vem, me contento em observar a atividade febril no ainda pequeno e primitivo vilarejo tibetano.

05 de setembro de 2012 - oitavo dia de expedição

O sono da noite foi um pouco a prestações, como sempre acontece quando se chega à altitude. Apesar de não estarmos muito alto, apenas 3500 metros, já é o suficiente para prejudicar o sono. Mas, como fui dormir às 8 da noite e levantei às 7 da manhã, imagino que nessas 11 horas que fiquei na cama devo ter dormido o suficiente, já que acordei descansado.

Após o café da manhã, eu e o Gilson fomos fazer uma caminhada de aclimação rumo ao campo base e o Milton resolveu ficar no vilarejo fotografando e descansando.

Meu plano inicial era subir ao redor de 700 metros e voltar para o almoço, uma caminhada de ao redor de 4 horas. Mas o dia estava lindo e, pela primeira vez nesses 8 dias, tive vistas das montanhas. Estava me sentindo muito forte e coloquei um ritmo bem rápido, ganhando 10 metros verticais por minuto e bem em breve percebi que iria subir bem mais do que o havia planejado. As vistas foram ficando cada vez mais espetaculares conforme ganhávamos altitude. Após 300 metros verticais, chegamos ao grande lago que recebe o degelo do Manaslu e, do outro lado do vale, apareciam as cristas de ao redor de 6000 metros de altitude que separam o Nepal do Tibete, refletindo os raios do sol. Continuamos subindo, saindo em pouco tempo da floresta que cobre o chão do vale. Ganhávamos metros rapidamente e podíamos ver o lindo e fértil vale onde fica Sama Gaon. No caminho encontrei o Rinji, nosso base camp manager, que subia com alguns carregadores para estabelecer nosso campo base. Após duas horas e meia, estávamos a 4600 metros, um pouco apenas abaixo do campo base. Mas como combinamos de almoçar todos juntos, ao meio dia resolvi voltar. O Gilson tinha ficado um pouco para trás e voltamos juntos.

Dividimos a subida com uma fila interminável de carregadores que estão levando cargas enormes ao campo base. Nestes 40 dias que dura a expedição ao Manaslu

quase todos os habitantes de Sama estão envolvidos neste trabalho. Cada um, de acordo com sua força e habilidade, faz uma viagem por dia ao campo base. O salário é, em geral, US\$ 8 por viagem, levando 30 quilos. Considerando-se que o salário médio para trabalho não especializado no Nepal é de um dólar por dia, este é um período de bonança em Sama Gaon. Apesar de ser um trabalho duro - há quem leve 60 quilos para ganhar o dobro - tudo isso é feito em verdadeiro espírito nepalês, com muita risada e os pontos de parada para descanso acabam virando lugares de interação social com muitas brincadeiras, principalmente quando passa algum desajeitado escalador estrangeiro escorregando no barro causado pelas incessantes chuvas.

Após o almoço e um delicioso banho de balde, fomos até o monastério do vilarejo para receber uma benção do lama principal, um monge muito respeitado na região. O encontramos na porta do monastério, um senhor já velhinho, com um bonito sorriso. Nos sentamos no quintal do monastério sem saber muito bem o que iria acontecer. Como nada acontecia pedi para ele dar-nos a benção que normalmente é um entoar de mantras e então se recebe um cordão vermelho ou amarelo que se usa no pescoço. Como ele não tinha o cordão, trouxe umas bolinhas pretas de um milímetro de diâmetro e nos deu algumas e nos disse para comermos. Nos despedimos dele com o tradicional "tashi delek" e na saída perguntei ao Dorje se ele sabia o que eram as bolinhas e ele disse, entre risadas, que tinha ouvido falar que era xixi e cocô do Dalai Lama. Bom, o que quer que seja, saí de lá sentindo-me mais protegido. Afinal, vou precisar de toda a proteção que possa receber...

O restante do dia foi gasto escrevendo e conversando na sala refeitório. Estou mais do que pronto para começar a nova etapa da expedição, a escalada propriamente dita.

06 de setembro de 2012 - nono dia de expedição

A noite foi uma sinfonia de latidos por todos os lados. Se eu não precisasse de uma boa motivação para ir para o campo base, esta bastaria. Na montanha não há cachorros, a praga dos vilarejos nepaleses. Mesmo com meus tampões de ouvido, acordei várias vezes. Para ser justo com a raça canina, acordei tantas vezes porque

o sono da montanha é muito leve. De qualquer forma, pela manhã me sentia um pouco cansado. Também ter acordado com uma goteira na testa não ajudou muito a tranquilidade da noite e, neste aspecto, o teto foi bem democrático, cada um de nós teve uma goteira em horas diferentes da noite.

Para compensar tudo isso, quando levantei, o Manaslu estava brilhando ao sol com os dois cumes, o principal e o East Pilar acima das nuvens, como que flutuando no ar. Simplesmente mágico, mas também um pouco assustador. Pensar que em menos de um mês vamos estar lá, quase cinco quilômetros verticais acima de onde estamos, é um tanto preocupante.

Às 8:30 começamos a subir rumo ao campo base deixando para trás, definitivamente, Sama Gaon, internet, cachorros e coca colas. Finalmente estamos mergulhando na montanha e na expedição. Para mim e para o Gilson 70% do caminho já era conhecido de nossa caminhada de ontem, mas para o Milton tudo era novo e, entusiasmado como ele está em fotografar, acabamos subindo separados, já que uma vez mais coloquei um ritmo razoavelmente rápido, embora um pouco mais lento do que ontem. Desta vez estamos subindo para ficar a quase 4900 metros e decidi tomar um pouco de cuidado para tentar não ter dor de cabeça. A paisagem não podia ser mais espetacular. No início da caminhada percorremos um trecho de floresta, mas após uma hora já estávamos com o glaciar do Manaslu ao nosso lado com uma cascata de gelo impressionante. Desde que escalei o Everest, cada vez que vejo uma cascata de gelo me pergunto como fui capaz, como tive coragem de enfrentar um coisa como esta. E, no entanto, em 2016 lá estarei novamente. Mais e mais sinto que tenho de ter uma dessas longas expedições a montanhas com mais de 8000 metros em minha vida a cada ano.

Depois de 3 horas, cheguei ao ponto onde havia chegado no dia anterior e, de lá para frente, o caminho ficou ainda mais impressionante. A visibilidade reduziu-se a poucos metros e a trilha seguiu uma crista de não mais de meio metro de largura com grandes quedas em ambos os lados. Segui uma longa fila de carregadores que caminhavam em fila indiana desaparecendo na bruma que se misturava com o céu sem visibilidade. Era como se a fila toda estivesse mergulhando no espaço, no nada, desaparecendo. Conforme avançava montanha acima, a crista seguia subindo sem nunca chegar a lugar nenhum. Não me importava, não estava cansado e a cena era

magnífica. Meia hora mais tarde avistei a primeira barraca amarela, parte do enorme acampamento do Russel Brice, o maior operador de escaladas comerciais de montanhas de 8000 metros. Logo atrás chegou o Gilson e, um pouco mais tarde, o Milton. Desci para abraçá-lo sabendo o quanto este momento era sonhado por ele. Ao sentir sua emoção, também me emocionei e quase chorei. Seguimos juntos até o acampamento que já havia sido reservado 2 meses atrás por nosso operador de Katmandu. Estamos mais ou menos no meio do acampamento base em termos de altitude, muito bem localizados. Como ontem o Rinji subiu com alguns carregadores, quando chegamos, nossas barracas já estavam montadas, assim como a barraca cozinha, a refeitório e a de armazenamento. Tudo muito organizado e confortável. Mas a grande e alegre surpresa foi ao entrar na barraca refeitório. Apesar de sermos apenas três, a barraca é confortável para mais de seis pessoas. O chão está coberto por um plástico e por cima por um tapete e em um dos cantos há um aquecedor enorme e, no outro, duas mesas com flores plásticas para dar um toque de alegria. Esta será nossa casa por um mês e é importante que a gente consiga se recuperar não só fisicamente, mas também emocionalmente depois das agruras dos campos altos.

Assim que chegaram os carregadores com nosso equipamento, dedicamos as próximas duas horas para organizar as barracas, levar para dentro o que precisaremos no dia a dia, deixando o restante nos barris dentro da barraca de armazenamento. Apesar de ser um trabalho duro nesta altitude, à qual ainda não estamos acostumados, fiz tudo com um grande sorriso no rosto. Estou onde amo estar e senti-me como um dono de uma casa nova arrumando sua mudança.

Fomos, então, para a barraca refeitório, tomamos o café da tarde e eu e o Milton ficamos escrevendo nossos diários. Choveu a tarde toda e às cinco da tarde a temperatura dentro da barraca já estava apenas 7 graus positivos, agravada pela umidade que faz com que, mesmo com o aquecedor, se sinta frio.

Enquanto escrevo, ouço os ruídos de avalanches descendo na encosta ao lado de nossa barraca. Aqui estamos protegidos, mas como se escala o Manaslu na época das chuvas, a montanha está com muita neve fresca e o risco de avalanche é sempre uma coisa muito presente.

Volto para minha barraca após o jantar e, apesar de estar feliz, sinto-me só, sinto falta da Lisete que está em São Paulo cuidando do seu joelho e preparando-se para o Aconcágua em dezembro. Tenho bons amigos aqui comigo, mas depois de 2 anos de convívio 24 horas por dia com a Lisete, estranho muito a sua ausência. Esta é a primeira vez que nos separamos desde que nos encontramos em 2010.

07 de setembro de 2012 - décimo dia de expedição

Choveu a noite toda, mas creio que isso já não necessita nem ser comentado, já que esta é mais a regra do que a exceção. Acordei com o barulho de nossa equipe arrumando nossa barraca refeitório, que ontem ficou ensopada. Hoje colocaram uma grande folha de plástico que, aparentemente, resolveu o problema.

Para ajudar nossa aclimatação e também não deixar passar um dia sem fazer algum tipo de exercício, hoje subimos até 5200 metros a caminho do campo 1. A partir daí, começou a nevar e decidimos voltar. Encontramos um grupo de sherpas da IMG que voltavam do campo 1 e eles nos disseram que o caminho lá está muito bem marcado, com cordas fixas em quase todo o caminho e que não teríamos maiores dificuldades. Também disseram que se escalássemos vagarosamente não deveríamos levar mais do que 3 horas do campo base ao campo 1. Mas, claro, o devagar dos sherpas é muito relativo. A este tipo de informação sempre se deve colocar um fator de correção...

Voltamos para o acampamento e passamos boa parte do dia arrumando as barracas que vão subir, calculando o que temos de levar para cima amanhã e montando as mochilas. Amanhã já vamos nos dividir em dois grupos de dois. O Dorje vai ficar responsável por levar a barraca, fogareiro, gás e comida para ele e para o Gilson e eu e o Milton levaremos nossas coisas. Como o campo 1 não é muito alto, ao redor de 5700 metros, não estou preocupado com essa parte da escalada. O problema virá quando tivermos de levar uma mochila pesada do campo 2 ao 3 e, principalmente, do 3 ao 4. Mas, com um objetivo tão grande assim, a fórmula é dividi-lo em objetivos menores. No momento, temos pela frente montar o acampamento 1 e descer para mais duas noites no base antes de subirmos para passar a noite no 1.

08 de setembro de 2012 - décimo primeiro dia de expedição

Antes mesmo de abrir os olhos sinto uma claridade diferente dentro da barraca. Imediatamente sei o que é: sol!! Após mais de duas semanas com o céu nublado, hoje amanheceu completamente aberto. Vesti-me rapidamente, saí da barraca e que vista eu tive! Por 360 graus, montanhas nevadas, mas a rainha delas é, sem dúvida, o East Pillar, uma montanha com uma semelhança impressionante com o Matherhorn, na Suíça. Que delícia sentir o sol na pele logo cedo de manhã!

Infelizmente, minha felicidade desapareceu logo em seguida, assim que entrei na barraca refeitório. O Gilson ia servir-se de mel no seu arroz doce e eu disse a ele que tínhamos leite condensado, que ele adora, e que eu havia comprado exclusivamente para ele. Ele respondeu, de forma muito ríspida, que eu agora queria controlar até o que ele comia. Na hora não falei nada porque sempre que reajo sem pensar a coisa fica muito pior. Já estava sentindo há vários dias uma certa tensão entre nós, que piorou muitíssimo ontem quando, pela milésima vez, percebi que ele estava com os óculos errados e sem o cordão que os segure, caso eles caiam. O Gilson não enxerga praticamente nada de um dos olhos e tem 7 graus de miopia no outro e, por várias vezes, já conversamos sobre ele precisar tomar muito cuidado com seus óculos. No Elbrus, há apenas 3 semanas, no dia de cume com um vento de 100 km/hora, ele perdeu os óculos exatamente porque não estava com eles presos no pescoço. Felizmente não houve nada mais sério, mas poderia ter se tornado uma situação perigosa para ele e para mim, que o estava guiando. Quando, então, chamei sua atenção sobre esse erro repetitivo, ele ficou bravo e levantou a voz. Não podíamos continuar assim. Quando acabamos o café da manhã pedi para ele esperar e chamei o Milton para uma reunião. Disse ao Gilson que se ele continuasse a se comportar dessa forma comigo nosso projeto de treiná-lo para o Everest não iria acontecer. Por seu lado, ele, com muita emoção na voz, disse que se sente vigiado o tempo todo por mim e pelo Milton e que sente que tudo o que faz está errado ou que nós achamos que está errado. Conversamos por mais meia hora e, ao final disso, senti que a tensão se desfez. Se isso é permanente ou voltará, só saberei com o tempo. Neste tipo de expedição é normal que existam conflitos interpessoais, já

que o desconforto, o cansaço, o tempo fora de casa, a saudade da família e mesmo a apreensão sobre o que acontecerá na expedição, aos poucos vai mexendo com o emocional das pessoas. Para ele, esta é a primeira expedição para valer. Sinto que é fundamental conversar assim que algo comece a acontecer.

Sáímos às 8:10, com ao redor de 30 quilos cada um de nós (eu, Milton e Dorje) e o Gilson com 15 quilos. Logo de cara, o Gilson e o Dorje dispararam na frente, um porque estava mais leve e o outro porque... ora, porque o outro é um Sherpa, com séculos de adaptação à altitude. Eu e o Milton seguimos com um passo bem mais lento do que o de ontem, mas mesmo assim com um bom rendimento. Em uma hora chegamos à neve, colocamos os crampons e entramos no glaciar. Logo em seguida, encontramos a corda fixa, uma corda de nylon fixada a cada 50 metros na neve, através de barras de alumínio. Nos clipamos e praticamente até o campo 1 estivemos presos a ela. Este glaciar é extremamente quebrado, com dezenas de gretas, algumas com não mais de 20 cm de largura, até outras mamutes com mais de 5 metros. Essas maiores atravessamos por pontes de neve, partes da greta cobertas por precários acúmulos de neve consolidada. Não creio que exista algo que seja tão lindo e ao mesmo tempo tão apavorante como gretas em glaciares. Ao atravessar, podia olhar para o fundo de gelo azul desaparecendo na escuridão.

Após duas horas de escalada dura, comecei a sentir minha muito familiar dor de cabeça. A princípio é apenas uma pressão atrás dos olhos e, após meia hora, começa a dor latejante que faz com que pareça que a cabeça vai explodir. Continuei com meu experimento de tratar essa dor de cabeça como se fosse enxaqueca e não sintoma de altitude. Hoje pela manhã minha saturação estava 93% e meu pulso 50, excelentes para esta altitude. Tomei, então, um remédio para enxaqueca e não deu outra, em uma hora, ao invés da dor piorar, ela desapareceu. Tenho até medo de acreditar que a dor de cabeça que me persegue em todas minhas expedições tenha cura. Será que conseguirei escalar o Manaslu sem sofrer as dores lancinantes que tive nas outras montanhas?

Conforme fomos ganhando altitude, nosso ritmo começou a diminuir. O grande peso em nossas mochilas estava cobrando seu preço. Os últimos 200 metros verticais foram muito difíceis para mim. Já não respirava a cada passo. Era obrigado a respirar duas vezes cada vez que avançava os poucos centímetros de um pé ao

outro. Para piorar, a neve que até então estava sólida, agora tinha se tornado mole e profunda e a cada passo afundava os pés. Podia já enxergar as barracas no campo 1, mas os minutos passavam e o campo não se aproximava. Nada a fazer a não ser ter muita paciência, uma das grandes qualidades de um montanhista. Abaixei a cabeça e concentrei-me na respiração e nas passadas. Após cinco horas, chegamos ao campo 1, situado em um promontório acima de uma grande rocha negra. A vista de lá é deslumbrante. Pode-se enxergar toda a descida do glaciar riscado por gretas impressionantes e, ainda mais abaixo, o vale verde de Sama Gaon.

Após descansarmos por alguns minutos, começamos a montar o acampamento, uma tarefa fisicamente tão difícil quanto escalar. Com duas pás, eu e o Milton cavamos uma grande plataforma na neve, terraplanamos uma área de 20 metros quadrados e montamos a barraca. Ela tem de estar muito segura para, se o tempo virar, não sair voando da montanha. Esta tarefa nos tomou 2 horas e, ao final, estávamos novamente ofegantes. Comemos alguns snacks e tocamos para baixo. Como por mágica, conforme fomos descendo, o cansaço foi desaparecendo com o ar mais rico em oxigênio. Ao chegarmos ao acampamento, estávamos cansados, mas não mais exaustos como lá em cima. Ah, o conforto do nosso campo base... Tomamos um banho quentinho, nos hidratamos com litros de suco e chá, comemos pipoca e jantamos ouvindo Marisa Monte com o aquecedor ligado e a temperatura dentro da barraca a 18 graus, quando sem o aquecedor estaria não mais do que 6...

Aproveito esta nossa ida para a montanha para conversar com o Milton sobre a questão do oxigênio. Desde que comecei a planejar esta expedição, decidi tentar sem oxigênio, não por uma questão de purismo, mas sim para realmente saber se sou capaz de escalar um 8000 desta forma. Se não conseguir chegar ao cume, sem problemas. Já escalei outros dois 8000 e isso já é uma grande realização para mim. Mas, para o Milton, esta é sua primeira montanha com mais de 8000 metros e, com isso, não sabia o que ele queria fazer. Perguntei se ele queria levar o nosso oxigênio de emergência e usá-lo no dia de cume caso sentisse que não daria conta, mas ele disse que não. Preferiria desistir do cume a usar o oxigênio suplementar. Com isso, fica então decidido, desta vez será sem oxigênio de qualquer maneira. Como se diz na Argentina, o si o si.

09 de setembro de 2012 - décimo segundo dia de expedição

Acabo de voltar de um dos momentos mais emocionantes da expedição, o puja, a cerimônia presidida por um importante lama da região para pedirmos aos Deuses salvo conduto na montanha. A atividade para a preparação do puja começou ainda ontem, quando o Rinji desceu até Sama Gaon para comprar coca colas e cervejas Tuborg para colocarmos no altar. Também trouxe um galho de uma árvore para servir como suporte para as bandeiras de rezar que colocaríamos durante o puja nas quatro direções. O altar consiste em uma série de pedras empilhadas onde o Rinji, mestre de cerimônias, colocou o galho. Rinji, o mais brincalhão dos nossos sherpas e com quem já trabalho há vários anos, foi treinado por oito anos para ser monge, mas acabou desistindo da carreira monástica para virar sherpa.

O altar estava decorado com os refrigerantes e as cervejas, figuras esculpidas com tsampa, cevada torrada e finamente moída na forma de um pó muito fino e manteiga e, ao lado, um incensário com galhos de junípero, uma erva aromática que cresce apenas acima de 4000 metros, e também com galhos de pinheiro. Às 11 da manhã, o lama chegou e iniciou o puja. Nos sentamos ao redor do altar e imediatamente mergulhei no mágico entoar de mantras, acompanhado do som de pratos e um tambor. A cerimônia durou ao redor de 2 horas durante as quais fiquei dividido entre simplesmente ficar de olhos fechados, embalado pelo som, ou de ver o que acontecia ao meu redor. De tempos em tempos o lama jogava grãos de arroz ao ar e em cima de nós ou seu ajudante jogava porções de leite em direção à montanha. Enquanto o lama entoava os sutras, as coloridas bandeiras de oração eram colocadas nas quatro direções, protegendo e enfeitando nosso acampamento. Nas bandeiras estão figuras de um cavalo alado que leva o mantra "Om Mani Padme Hum" para o infinito. Ao final da cerimônia, todos beberam um gole de chang, a bebida fermentada local, e depois cerveja e coca cola. Também comemos o "Losar Roti", o pão de ano novo, algo semelhante ao que me contaram que no Brasil se chama "Cueca Virada". Enquanto o lama guardava seus instrumentos e o livro com os sutras, nós pegamos um pouco de tsampa e espalhamos no rosto de cada um, significando, com isso, o desejo de que a pessoa viva até que seus cabelos fiquem da cor do tsampa, um cinza bem claro.

Saí da cerimônia emocionado e feliz. Agora estamos oficialmente protegidos e com a permissão de subir e dormir na montanha, o que faremos pela primeira vez amanhã.

Hoje, como condiz a um domingo, foi um dia livre, o primeiro que temos desde que cheguei a Katmandu. Lavei roupa para aproveitar o sol que aquecia nosso acampamento, arrumei um pouco a barraca, recarreguei as baterias da Go Pro, a filmadora de cabeça que vamos começar a usar amanhã, e li meu livro. No momento estou lendo um livro do Ed Viesturs, um dos grandes escaladores da atualidade, contando seu projeto de escalar as quatorze montanhas de mais de 8000 metros. Quando me perguntam se tenho vontade escalar o K2, conhecida no Brasil como a mais perigosa das montanhas, embora seja o Annapurna a que tenha a pior estatística, digo que montanhas que têm 25% de mortalidade não me interessam. Há várias outras que, assim como o Manaslu, oferecem um risco que considero aceitável e que posso e tenho planos de escalar. Mas, no fundo, claro que adoraria tentar o K2, embora não considere sábio.

A noite, como sempre, vou para minha barraca muito cedo. Lá pelas oito estou olhando para o teto de minha barraca e pensando na Lisete. Um mês antes de nos separarmos, começamos a conversar sobre para onde nosso relacionamento iria caminhar. Estamos juntos há 2 anos e nos damos muito bem. Nos amamos, temos o mesmo jeito de encarar a vida, priorizando a qualidade de vida ao dinheiro, gostamos de viajar e das montanhas. Mas ela, após dois anos de viagens incessantes que é minha vida, está começando a ficar cansada de sempre estar na estrada. Sente também falta de ter profissionalmente algo seu. Depois de muitos relacionamentos, sei que isso não é surpreendente. Não conheço nenhuma outra pessoa que esteja na estrada há 23 ininterruptos anos e seja feliz assim. Para mim, não ter uma base não faz falta alguma, pelo contrário. Sinto-me livre sem ter coisas. Mas isso não é o que ela sente. Também tem o problema do joelho dela. Há muitos anos ela tem condromalácia no joelho direito e já fez duas cirurgias sem que nenhuma delas tenha resolvido o problema. Ela sabe que essa nossa vida vai encurtar a vida deste joelho e que, no final, acabará tendo que colocar uma prótese. Mas até dois meses atrás, estava lidando bem com isso, na medida do possível. Mas durante o trek do Marrocos começou a sentir dores no joelho esquerdo e foi

diagnosticado condromalácia também neste joelho, que até então nunca havia dado trabalho. Isso acabou afetando-a psicologicamente de forma dramática e agora está tentando decidir se vale a pena seguir escalando e fazendo treks. Com isso tudo, quando nos separamos, cinco dias antes de começar esta expedição, não sabíamos o que aconteceria conosco. Estaremos separados por mais de 3 meses, já que ela foi para o Brasil e eu, depois do Manaslu, tenho mais dois grupos de trekking ao campo base do Everest. Em dezembro nos reencontraremos para, de acordo com os planos de agora, irmos juntos para a Argentina para escalarmos o Cerro Plata na região de Mendoza e, depois, guiarmos um grupo de escalada ao Aconcágua. Mas tudo está no ar e, pensando nisso, o sono não vem... Tenho ligado para ela por satélite a cada dois dias para passar o avanço da expedição e a cada vez que falamos sinto que sua voz não é a mesma. Ela está muito mais séria e fechada e estou preocupado com ela. Em uma expedição como esta é importante manter a concentração e sinto que parte de mim está ocupada com isso. Tenho de resolver isso em breve.

10 de setembro de 2012 - décimo terceiro dia de expedição

Protegidos e abençoados, saímos hoje pela manhã para nossas primeiras duas noites na montanha acima do campo base. Quando estava pronto para sair, o Rinji trouxe um amigo sherpa que estava com uma infecção na perna por causa de duas mordidas de sangue suga, coisa comum aqui na época das chuvas. Examinei e vejo que ele realmente está com uma erisipela e o tratei com antibiótico sistêmico e local e ficamos de examinar novamente quando eu voltar ao campo base, em dois dias.

Com ao redor de 30 quilos nas costas mais o peso das botas duplas, crampons, cadeirinha, mosquetões e demais equipamentos de montanha, percorremos o mesmo caminho que já tínhamos feito ao campo 1. Agora, já mais aclimatados, sinto-me muito mais confortável com o peso e com o ritmo. Também, conhecendo o terreno, as cravasses e a topografia fico muito mais à vontade. Sabia o que tinha pela frente e como dosar minha energia. Como tem passado nos outros dias, segui na frente com o Gilson na minha cola. Como na nossa outra ida ao campo 1 ele acabou indo depressa demais e chegando muito cansado, desta vez pedi a ele que fosse no meu ritmo

apesar de estar carregando muito menos peso que eu. Isto é um dos pontos mais importantes do treinamento dele. Descobrir quanta energia a gente tem dentro da gente é de importância fundamental. Não existe nada mais perigoso e comum na montanha do que dar tudo para chegar ao topo e então descobrir que não há reservas de energia suficientes para a descida. Nada mata mais na montanha do que este erro. E o Gilson ainda não consegue dosar sua energia. Enquanto ele não aprender isso, serei eu que terei de dar o ritmo a ele.

Fizemos novamente em 5 horas o percurso, com um ganho de 900 metros verticais e, com felicidade, mais uma vez, percebi o quanto estou forte. Quantas vezes nesses meses eu me perguntei se seria capaz de subir sem oxigênio. Mesmo agora, aqui na montanha, tento me imaginar no dia de cume ganhando metro a metro no ritmo enlouquecedoramente lento de um passo a cada 5 ou mesmo 10 respiradas, horas a fio, enquanto a mais longa noite de minha vida avança para o sonhado cume.

No caminho, ultrapassamos um americano de mais de 60 anos de idade caminhando muito devagar e ofegante, nitidamente fora de forma para enfrentar uma montanha como esta. Infelizmente esta cena é bastante comum aqui no Manaslu. Aparentemente, as empresas não estão fazendo nenhuma seleção de seus clientes nem do ponto de vista técnico, coisa um tanto difícil, nem do ponto de vista físico. Esta não é a primeira vez que nos deparamos com pessoas que não deveriam estar aqui. Paro e converso um pouco com ele. Seu grupo já está no acampamento e ele está para trás com um sherpa. Pergunto a ele se ele não acha melhor voltar e ele me diz, entre respirações ofegantes, que ele dá conta. Quando chegamos ao campo 1, vou conversar com seu guia, mas não sinto que meus comentários são bem recebidos.

Chegamos nas barracas e vejo com alegria que elas estão inteiras e nos acomodamos, eu e o Milton, em uma confortável barraca para 3 pessoas da Sierra Designs, e o Dorje e o Gilson em uma Marmot de duas pessoas nova, uma das 4 que comprei em Katmandu para esta expedição. Lógico que ele reclama e diz, brincando, que na Morgado Expedições o cliente sempre vem em segundo lugar. Mas a verdade é que estou usando todas as oportunidades para que ele sempre aprenda algo a mais em cada circunstância. Neste caso, dormir em altitude em uma barraca razoavelmente pequena, ter de cozinhar, derreter neve e dividir um espaço restrito com outra pessoa, é a norma em alta montanha. E tudo isso é super novo para ele.

A tarde passa com as tarefas normais de acampamento na montanha. Sair para coletar neve para derreter, tomar copiosos litros de líquidos para compensar as perdas pela respiração, onde, a cada inspiração, o corpo umidifica e aquece o seco e frio ar da montanha, só para perder este precioso líquido a cada expiração. Aqui no Manaslu isso é agravado com a perda por sudorese, já que a temperatura é bem mais alta do que é normalmente em outras montanhas em altitude. Ir ao banheiro é outra das inevitáveis tarefas desagradáveis e que é melhor ser feita durante o dia.

Às 6 da tarde fervemos água para nossa primeira refeição com comida liofilizada, que é como acontecerá em todos os campos. Esses envelopes de comida são preparados de forma muito simples. Abre-se o envelope, retira-se a sílica gel que serve para manter o produto sem umidade, coloca-se ao redor de meio litro de água fervendo, fecha-se o envelope e, após 6 a 8 minutos, está pronto e comemos diretamente do envelope, o que nos salva de ter de lavar a louça, que é uma das tarefas mais ingratas da montanha. Os títulos nos envelopes são muito atraentes. Coisas como "peito de frango com purê de batatas" ou "macarrão al Alfredo". O sabor, no entanto, varia. Alguns são bons, outros são apenas calorias. Nesta noite, temos uma refeição surreal de "caçarola de frutos do mar"!!!. Isso a 6000 metros de altitude e a pelo menos 2000 quilômetros do mar!! E, surpreendentemente, é delicioso, com um sabor muito pronunciado de camarão. Infelizmente, no dia seguinte, constato que só comprei dois envelopes deste sabor. Acho que quando li no catálogo da Mountain House este sabor não botei muita fé...

A noite, como sempre em altitude, transcorre lentamente, com longos períodos de insônia, mas pelo menos até agora não estou tendo minhas dores de cabeça.

11 de setembro de 2012 - décimo quarto dia de expedição

Há anos ouço falar do trecho do campo 1 ao campo 2 do Manaslu e de como esta é a única parte da montanha onde se corre um risco real de desabamentos de seracs, grandes blocos de gelo que, por se situarem em uma encosta instável, podem cair sem aviso. Algo semelhante à cascata de gelo do Everest, só que em escala muito menor. Também é neste trecho que se encontra a parte mais difícil de escalada, trechos mais inclinados, onde temos de usar técnicas de escalada em gelo. Mas,

apesar de saber disso, surpreendo-me com o grau de dificuldade deste dia. De manhã, como sempre, eu e o Milton decidimos o que vamos levar para cima, quantos quilos vamos carregar para abastecer os campos superiores. Eu sugiro que a gente vá novamente pesado para cima, de modo a terminar o abastecimento de gás e comida dos campos altos para que no próximo ciclo só tenhamos as coisas pessoais para levar, saco de dormir, o macacão de plumas do dia do cume e um pouco mais de roupa. Um pouco contrariado, o Milton começa a carregar sua mochila com quilos e quilos. Ele acha que como não conhecemos a rota e ainda não estamos aclimatados para acima de 6000 metros seria melhor irmos mais leves. Apesar de ver a lógica de seu ponto de vista, vejo isso meio como um desafio e insisto que quero levar tudo, mas digo a ele para fazer o que achar melhor. No fim, saímos os dois com algo próximo a 30 quilos novamente.

A 20 metros de nossas barracas começa a corda fixa e, mal iniciamos a escalada, ouvimos um barulho de uma avalanche muito próxima ao nosso acampamento, na direção da rota de escalada ao campo 2. Não vemos nada, já que o campo está envolto em uma grossa camada de nuvens. Fico imediatamente preocupado com nossos amigos da expedição do Equador, dois homens e uma mulher, os três muito simpáticos e fortes. Eles saíram há meia hora e devem estar na proximidade de onde veio o ruído. Nada a fazer a não ser prosseguir. Nossas preocupações em relação ao tão temido trecho se confirmam um pouco depois, quando nos deparamos com os restos de uma avalanche muito recente. Felizmente, quando ela caiu não havia ninguém por lá. Isso é o enervante deste tipo de situação. Não há muito o que fazer, apenas rezar para que você não esteja no lugar errado na hora errada.

Meia hora depois, chegamos ao trecho de perigo. À nossa frente, uma longa encosta de enormes blocos de gelo magníficos com estalactites e estalagmites, como se fossem gigantescas catedrais góticas, deslumbrantes e amedrontadoras. Prosseguimos o mais rápido que podemos, mas no meio deste trecho há uma cravasse que nos dá muito trabalho ultrapassar, já que a borda distal dela está um metro acima da proximal. Temos de usar nossos ice axes para conseguir apoio para levantar o peso do corpo.

Um pouco mais adiante começam as paredes de gelo e neve que temos de escalar. Em uma mão o ice axe, na outra o jumar, um equipamento de montanha que desliza

corda acima e trava para baixo. Com as duas pontas da frente do crampon consigo apoio na parede, enquanto o ice axe é colocado mais acima e deslizo o jumar pela corda e sigo fazendo esta sequência enquanto ganho poucos centímetros a cada repetição. O processo é exaustivo e no topo de cada uma dessas paredes estou ofegante. Quando olho para cima o que vejo é mais uma parede. Nosso rendimento é muito baixo. Depois de duas horas de escalada ganhamos apenas 200 metros verticais e temos, no total, 700 metros de desnível para escalar hoje. Mas o maior obstáculo ainda está por vir. Sabia que em algum ponto hoje teríamos de cruzar uma escada de alumínio horizontal, como as que são colocadas na cascata de gelo do Everest. Durante minha escalada do Everest, cruzei a redor de 150 dessas escadas, de modo que não estava preocupado. Mas, quando chegamos na enorme cravasse e vi a escada, não acreditei que teríamos de cruzar por ela. A cravasse deveria ter uns 6 metros de largura por uns 30 metros de profundidade, porém a escada tinha talvez 4,5 metros de comprimento, de modo que em ambos os lados da cravasse ela estava flutuando no ar, sem encostar em nenhuma das bordas. Ensaiei um passo, mas não senti firmeza alguma e tentei, então, puxar a escada e enterrá-la na neve do meu lado, mas não funcionou. Não teve outra maneira a não ser, com muito cuidado, colocar o pé no primeiro degrau e seguir com terror, passo a passo, até o outro lado. Quando finalmente consegui colocar o pé na neve da outra borda e suspirar de alívio, meu pé afundou no vazio e, desesperado, me puxei pelas cordas encosta acima. Dois dias depois, vendo o vídeo que fiz com a Go Pro que estava na minha testa, rimos muito do meu desespero, mas na hora foi realmente aterrorizante. No stress da hora, esqueci de pedir para o Milton tencionar as duas cordas que funcionam como corrimão. Para a travessia deles eu tencionei as cordas e com isso foi muito mais fácil do que tinha sido para mim. Mas, creio que, mesmo com as cordas tencionadas, eu teria tido muito medo. Não gosto dessas escadas e no Everest, mesmo tendo adquirido prática ao final de incontáveis travessias, nunca cheguei ao outro lado sem estar ofegante de tensão e medo.

Todo este nervoso é compensado por uma visão espetacular que temos de toda a montanha. Abaixo, em um promontório, estão as barracas no campo 1 e, mais lá em baixo, a pequena cidade do campo base. Ainda mais abaixo, vemos o vale verde, um lugar propício para a vida humana onde existem rios, árvores, animais e oxigênio. Estamos quase três mil metros acima de tudo isso, onde não deveríamos estar.

Perfurando a camada de nuvens altas, estão picos mil metros acima de nós, a morada dos Deuses. E nós, os tolos, tentando chegar a eles...

Um pouco mais adiante, nos encontramos com dois sherpas, que ao verem nossas enormes mochilas, nos disseram que adiante teríamos problemas novamente. Uma grande cravasse nos esperava, desta vez sem escadas, e a única forma de cruzá-la seria saltando, mas disseram que com nossas mochilas não conseguiríamos. Era muito perigoso. Realmente, quando chegamos, vimos que seria muito arriscado tentar o salto com o peso que carregávamos. O Milton saltou na frente sem mochila e eu amarrei mochila por mochila na corda e fizemos uma pequena tirolesa para passá-las. Então, sem peso, saltamos o abismo.

O tempo estava mudando, já estávamos escalando há 4 horas e ainda tínhamos muito chão pela frente. Além disso, o plano era deixar o equipamento no campo 2 e voltar para dormir no campo 1. Exaustos como estávamos, não seria prudente dormir a uma altitude à qual não estávamos acostumados. Além disso, técnico como era o percurso entre o campo 1 e o campo 2, se tivéssemos problemas com a altitude durante a noite, não seria fácil descer alguém doente por aquele tipo de terreno. Tínhamos de nos apressar, mas onde estavam as forças para isso? Conforme ganhávamos mais metros, após infinitas paredes de gelo, nossa velocidade diminuía ainda mais. Finalmente, às 14:30 horas, avistei as primeiras barracas do campo 2. Olhei para o chão e caminhei por trinta passos. Ao final disso, as barracas ainda estavam muito acima. Com muito esforço, cheguei à barraca de dois franceses e pedi a eles um pouco de água. Estava com um gosto amargo na boca e bem desidratado. Tinha bebido dois litros de água desde que tinha saído do acampamento, mas o esforço tinha sido enorme. Sentei-me na mochila e esperei os outros chegarem. Minha vontade era ficar ali sentado por um longo tempo, mas não tínhamos este luxo. Tínhamos de começar a descer assim que possível para que a noite não nos pegasse na encosta. Assim que todos chegaram, dividimos tarefas. O Gilson ficou responsável por derreter neve para fazer um litro de água para cada um, o Dorje foi encontrar um lugar apropriado para nosso campo 2 e eu e o Milton guardamos tudo o que havíamos trazido em um grande duffle bag.

O campo 2 é conhecido por acumular grandes quantidades de neve e, com isso, destruir barracas. Decidimos não montar as nossas e sim enterrá-las na neve e deixar o lugar marcado para, no nosso próximo ciclo, montar o acampamento.

Marcamos um retângulo de mais ou menos 10 por 5 metros, o suficiente para no futuro montar as duas barracas, e cavamos um grande buraco na neve, onde colocamos o duffle com duas barracas, gás e comida liofilizada. Tampamos com neve, marcamos com pequenas varas de bambu que havíamos cortado no segundo dia do trekking com esta finalidade e nos sentamos por mais cinco minutos para beber um pouco de água. Às 15:30 estávamos começando nossa descida. Tínhamos apenas duas horas e meia de luz para chegarmos de volta ao campo 1, onde passaríamos a noite. Pela frente, tínhamos a grande cravasse do salto, a maldita ponte e as infinitas paredes. Com o sol do dia todo, a neve estava muito mais fofa e a cada passo grudava nas nossas botas. A passagem da escada na volta foi, para mim, tão apavorante quando da primeira vez, embora os outros três não tenham tido problemas com ela. A maior parte das paredes descemos apenas enrolando a corda fixa em nossos braços para, com isso, criar atrito. Apenas em uma delas tivemos que rapelar, por ser mais longa e vertical. Exaustos, às 17:45 chegamos ao campo 1, após mais de 9 horas de escalada muito dura.

Enquanto fervíamos água para nosso jantar, o Gilson falou que para ele o que tinha feito estava de bom tamanho. Não queria voltar a ter de enfrentar outro dia como este apenas para chegar ao campo 3, a 6900 metros. O custo/benefício não compensava. Queria ir para casa... Disse a ele que esta não era a melhor hora para conversarmos sobre isso, estávamos exaustos e o melhor seria dormir e no dia seguinte conversaríamos sobre isso. Mas eu sabia que ele não mudaria de ideia. Tinha sido um dia duríssimo do ponto de vista físico, técnico e emocional. Tínhamos tido muito mais do que achei que esta montanha ofereceria. Ele tinha se saído muito bem e talvez tivesse razão, seu objetivo nesta montanha não era o cume e sim algo pouco palpável, como chegar ao campo 3.

12 de setembro de 2012 - décimo quinto dia de expedição

Pela manhã, o Gilson confirmou o que eu já sabia, ele realmente queria ir para casa. Eu e o Milton estávamos prontos muito antes do Gilson e do Dorje e saímos mais cedo para o campo base. O banho quente, o café da manhã de verdade e o conforto de nossas barracas a "apenas" 4800 metros nos chamavam. Descemos os 600 metros já bem conhecidos em apenas 2 horas e às 9 da manhã estava tomando um delicioso banho quente e respirando o ar muito mais rico em oxigênio do campo base. Tínhamos estado acima por apenas 48 horas, mas às vezes o tempo não é tão linear assim. Meu corpo sentia que tinha estado lá em cima por um tempo muito mais longo.

Com a decisão do Gilson de voltar para casa, este dia seria um pouco mais longo do que eu tinha planejado. Teria de descer para Sama Gaon para organizar seu helicóptero, a mudança da data de seu vôo para o Brasil e o hotel em Katmandu. Fazer tudo isso através do telefone por satélite seria impossível. Apesar de ser uma ferramenta maravilhosa, que mudou o sentido de isolamento de qualquer expedição, as ligações ainda são, com muita frequência, quebradas.

Descansei um pouco, almocei e, às 15 horas, saí com Gilson, Dorje e Rinji para Sama Gaon. Mas organizar as coisas para o Gilson era apenas metade de minha motivação para a descida de 1400 metros até o vilarejo. Eu tinha de conversar com a Lisete sobre nós. Estava realmente preocupado com o tom de sua voz e precisava saber se isso era devido apenas à pobre qualidade das ligações, que tinham de ser breves, ou se havia algo mais.

Pedi ao nosso maravilhoso cozinheiro que fizesse um bolo de chocolate de despedida para o Gilson e, com sua precária cozinha, produziu um bolo lindo com a inscrição "Feliz Viagem". Antes deles servirem o bolo fui até a cozinha para ver como era possível fazer algo assim com um fogareiro a querosene. Ele havia colocado uma grande panela no fogo e dentro dela uma outra panela menor, apoiada em três pedras. Tampando tudo isso, uma folha de papel de alumínio e, então, a tampa da panela grande. Voilà: um forno de montanha. Desta mesma forma ele produz pizzas, tortas de banana e a melhor torta de maçã do Nepal!

Em duas horas estava em Sama Gaon e falando com a Lisete por skype!!! Ah, as maravilhas da tecnologia!

Tive uma longa conversa com ela ao final da qual saí com a alma muito mais tranquila. Claro que ela está passando por um período difícil, tendo que decidir o que fazer com sua vida, uma opção muito difícil. De um lado, tem seu apartamento com todas as suas coisas, seus amigos, sua família e até, quem sabe, uma opção profissional só dela. Do outro lado, uma vida repleta de viagens, países novos, escaladas e trekkings e seu relacionamento comigo. Esses três meses que ficaremos separados serão muito bons para ambos reavaliarmos o que sentimos e o que queremos. Ouvi sua risada e me tranquilizei... Também pudemos conversar um pouco sobre os próximos grupos e sobre nosso ambicioso programa para 2013, com cursos de escalada em neve e gelo, McKinley, Cho Oyu e Ama Dablan.

Quando comecei a organizar esta expedição, convidei várias pessoas para participarem. Entre elas minha amiga chilena Patty Soto, a primeira chilena a escalar o Evereste e a primeira latino americana a completar os Sete Cumes. Ela também planejava escalar o Manaslu em 2012 e tinha 3 amigos que queriam acompanhá-la, um chileno e dois americanos, todos eles, assim como ela, instrutores da NOLS, a mais conceituada instituição de treinamento de liderança em outdoors dos Estados Unidos. Por meses trocamos e-mails e, com muita paciência, respondi a todas as suas perguntas. O custo seria muito menor para todos nós em uma expedição com seis a oito pessoas do que simplesmente para duas ou três. Em janeiro encontrei-me com ela na Patagônia e deixamos tudo acertado. Em maio, apenas 3 meses antes da expedição, ela finalmente respondeu a vários e-mails que eu havia enviado dizendo que, no final, eles acharam na internet uma empresa nepalesa que faria a expedição por 300 ou 400 dólares a menos do que o preço que eu havia dado a ela. Eu não podia acreditar em sua falta de cortesia. E não só isso, também a falta de sabedoria de optar por uma empresa da qual nada sabiam por alguns dólares a menos. Uma quanta irrisória no montante total de uma expedição como esta. Por esses meses todos me perguntava como eu reagiria quando me encontrasse com eles. Hoje, no jantar, eles estavam lá, na mesa ao lado. Ao final, tudo o que pude sentir foi pena deles, já que nossa expedição está tão bem organizada, tão confortável, que senti que realmente foram eles que perderam ao

não estarem conosco. A bagagem de dois deles havia extraviado, estavam pelo menos uma semana atrás do seu cronograma e apenas amanhã poderiam subir para o campo base.

Dormi a melhor noite desde que saí de Katmandu, uma noite de sono ininterrupto devido à relativa baixa altitude de Sama Gaon, a apenas 3500 metros. Lembrei-me do meu drop down no Evereste, a descida que se faz para 4000 metros antes de subir para o cume. Nada como oxigênio para te fazer sentir-se forte e descansado.

13 de setembro de 2012 - décimo sexto dia de expedição

Amanheceu garoando e com o céu completamente encoberto. O helicóptero que deveria decolar de Katmandu às 7 da manhã para buscar o Gilson ainda estava lá às 8. Ligamos para Katmandu e o Sunir nos disse que o tempo estava ruim por lá e não sabia se o helicóptero poderia vir ou não. Deixei o Rinji com o Gilson, nos despedimos para reencontrarmos apenas em dezembro, dei-lhe recomendações de que treinasse com afinco, afinal, dali para frente, teria apenas montanhas difíceis como Aconcágua, McKinley, Cho Oyu e Ama Dablan.

Às 9 comecei a longa subida de volta ao campo base, 1400 metros de piramba enlameada. No começo da subida estava ensopado de suor, no meio, encharcado pela chuva e, no final, empapado pela neve, tudo isso em 2 horas e meia, que foi o que demorei até o campo base. Enquanto subia, me despedia do verde para voltar ao mundo monocromático da alta montanha. Quando cheguei na crista final deparei-me com um grupo de 3 homens e 3 mulheres, todos carregadores, que comiam pão debaixo da chuva fria que caía sob um céu cinza escuro. Apesar do grande frio que fazia, eu estava apenas de camiseta de manga curta e com um colete de fleece. Sinto sempre muito calor e estava subindo extremamente rápido, ganhando 600 metros por hora. Eles comentaram alguma coisa em gurung, uma língua local que não entendo, um dialeto tibetano. Respondi em nepalês que não havia entendido e eles todos riram muito surpresos de que eu falasse nepalês. Me perguntaram, então, se eu não tinha um saco plástico para colocar ao redor de meu corpo, que é o que usam para abrigar-se da chuva. Eu disse que não. Perguntaram-me, então, se não tinha mais roupa. Eu tinha, mas achei muito complicado explicar que eu, de um modo geral,

não sinto frio e que preferia caminhar assim de manga curta. Ao invés disso, disse-lhes que não tinha, que minhas roupas de frio estavam no acampamento base. Ofereceram-me, então, parte de seu pão, que eu, emocionado, recusei, e me despedi. Todos estavam vestidos em andrajos, eram os pobres dos pobres, estavam carregando 30 ou 40 quilos cada um, inclusive as mulheres, e ainda assim me ofereciam parte de seu almoço, que estavam comendo debaixo de uma chuva gelada! Comecei a andar e uma das mulheres me chamou e ofereceu seu casaco!!!!!! Quase chorei! Agradei uma vez mais e segui meu caminho sabendo que meu destino está decididamente ligado a este país que tanto me oferece. Neste ano, como uma pequena forma de agradecer o tanto que o Nepal e sua gente me tem dado nesses 20 anos que estou aqui, conseguimos organizar, com a ajuda financeira de alguns clientes que sentem como nós, dois projetos de ajuda comunitária, a criação de um sistema de água potável em um vilarejo e, em outro, a construção de 17 banheiros, onde não havia nenhum. Para o próximo ano, o Dorje está me recomendando que façamos um treinamento em como produzir agricultura orgânica no vilarejo dele e organizar uma forma desses produtos chegarem a Katmandu onde, de acordo com ele, existe demanda para isso. Adorei a ideia e, assim que voltar do Manaslu, começarei a estudar a viabilidade do projeto.

Apesar de ter adorado a companhia do Gilson, sinto que agora a parte da atenção que dedicava a "cuidar" dele pode voltar-se para a montanha. Também, uma parte de mim estava com a Lisete, sem saber muito bem o que estava acontecendo. Agora estou 100% na montanha e isso é fundamental. Para uma empreitada como esta, você tem de estar completamente focado. Você tem de viver e respirar montanha e só isso. O mundo exterior tem de ficar *on hold*. Agora estou aqui!

Mais uma vez, tomei um delicioso banho e me instalei na barraca refeitório para escrever tudo o que havia acontecido nos últimos dias. À noite, após o jantar, assistimos a um documentário sobre a fatídica segunda tentativa de escalada da face norte do Eiger, nos Alpes. Heroísmo misturado com determinação, companheirismo com desespero, perigos inimagináveis com vontade de superação, todos os ingredientes do montanhismo estavam presentes nesta história. O narrador, Joe Simpson, o inglês autor do livro e filme "Tocando o Vazio", conclui que agora, depois de décadas de montanhismo, já não sente que vale a pena o risco que o

montanhismo oferece a ele. Já perdeu muitos amigos, já quase ele mesmo morreu no Siula Grande, no Peru, e conclui o filme dizendo que para ele o montanhismo perdeu o encanto. Fui para minha barraca pensando em suas palavras. Creio que tenho tido sorte. Nunca tive um acidente mais sério, nunca perdi um amigo nas montanhas, e quando me vi em apuros sempre foi porque tomei as decisões erradas. Creio que aprendi muito sobre montanhas nesses anos, tanto através de decisões corretas como das erradas. Sei que existe um risco inerente a este esporte, mas de alguma forma, sinto-me seguro. Ao contrário do Joe Simpson, mais e mais sinto que quero mergulhar ainda mais nesta minha paixão. E se algo acontecer comigo, bom, creio que a balança está positiva. O risco é compensado pelos momentos de êxtase que a montanha me proporciona. Tenho vivido uma vida de sonho e para isto, sinto, vale a pena um risco calculado.

14 de setembro de 2012 - décimo sétimo dia de expedição

Acordo com o já familiar ruído de uma tropa de soldados medievais com suas espadas batendo em seus escudos. Não é isso. Minha barraca está ao lado da trilha e todos os dias filas de escaladores passam ao meu lado com seus mosquetões batendo em seus jumares, seus figure eights batendo em seus ATCs. Grupo atrás de grupo, dirigem-se ao campo 1 para seus ciclos de aclimação. Mais tarde, o Milton vem me dizer que esteve observando a montanha e que uma quantidade enorme de escaladores dirige-se do base ao 1 e do 1 ao 2. Abaixo dos ameaçadores seracs, uma fila enorme de pequenos pontos avança vagarosamente. O sol derrete a neve. Ficamos preocupados. Este ano o Manaslu pode surpreender...

Com frequência, as pessoas dizem que sou hiperativo. Não me vejo exatamente desta forma, embora a linha divisória seja tênue. Gosto de estar fazendo coisas e creio que muito tempo atrás perdi o gosto por deitar-me na areia de uma praia qualquer e ficar lá apenas tomando sol. Planejo meu ano entre seis meses de trabalho e seis meses de férias, mas não creio que uma pessoa qualquer chamaria o que faço nos seis meses onde não trabalho de férias. No momento, estou de férias, assim como no mês que passarei na Tailândia escalando em rocha. Para mim, férias está longe de estar inativo, pelo contrário, é exatamente nas férias onde faço mais

coisas. Talvez por isso mesmo estas longas expedições sejam sadias para mim, pois aqui tenho longos períodos de ócio inevitável. Hoje, por exemplo, não há nada a fazer a não ser ler, dormir, ouvir música ou conversar. Como não estamos comprando as caríssimas previsões de tempo suíças ou americanas, acabamos perguntando aqui ou ali por informações e o que escutamos é que está chegando uma tempestade e que nos próximos dois ou três dias nevará muito lá em cima e choverá aqui no campo base. E realmente, apesar de amanhecer com o céu razoavelmente claro, em poucas horas começa a chover e não para mais o dia inteiro.

Vou para a barraca refeitório escrever, almoço, dou uma dormida sob o gostoso barulhinho da chuva no teto da barraca e leio. Na correria da saída de Katmandu acabei fazendo o download de apenas 4 livros no meu Kindle, dois de montanhismo, um do Hemingway e um que o Paulo Gessullo, grande amigo e consultor de assuntos literários, me recomendou, chamado "The Little Bee". Apesar de seu nome singelo, o livro é absolutamente maravilhoso e já estou um pouco de luto que ele terminará em breve. Já li os outros três e vou ficar sem livros e com muito tempo nas mãos...é, acho que realmente sou um tanto hiperativo...

No meio da manhã, o famoso Russel Brice, dono da maior operadora de expedições comerciais a montanhas de 8000 metros, veio ao nosso acampamento "convidar-me" para a reunião que acontecerá amanhã entre os líderes de todas as expedições para decidir quem fará ou quem pagará pelo trabalho de fixar as cordas na montanha. De algum tempo para cá, sua equipe assumiu esta tarefa, mas claro que fixar cordas por quilômetros na montanha custa muito dinheiro e trabalho de seus sherpas. E a reunião, creio, será basicamente sobre quanto cada escalador na montanha terá de pagar para cobrir estas despesas. Convidei-o para tomar um chá, imagino que o milésimo nesta manhã, já que ele está fazendo a ronda de acampamento em acampamento. Muito simpático, aceitou e conversamos por alguns minutos. Ele confirmou que está chamando sua equipe e seus clientes que estão nos campos altos de volta ao campo base, já que a previsão de tempo que ele comprou prevê uma piora acentuada do tempo nos próximos dois dias. Com isso nos conformamos com a espera ociosa de 2 ou 3 dias antes que possamos voltar a subir.

15 de setembro de 2012 - décimo oitavo dia de expedição

Chuva, chuva, chuva..... noite e dia, sem parar. Nada a fazer a não ser esperar. Esta expedição está sendo uma experiência nova para mim. No Cho Oyu e no Everest tive muito tempo ocioso nos acampamentos bases, mas podia sair e caminhar, ir escalar em rocha ou em gelo, visitar outros acampamentos, mas aqui nada disso é possível ou pelo menos não é agradável. Não faz muito frio, ao redor de 6 graus positivos, mas a umidade é terrível e a sensação térmica é de uma temperatura muito mais baixa. Saio da minha barraca e vou para a barraca refeitório. De lá vou para a minha barraca e me enfito dentro do sleeping bag. Até sair para ir ao banheiro envolve um processo mental complicado. Fico evitando até o último minuto.

Às 9:30 vou à reunião dos líderes das expedições no acampamento do Seven Summits. Lá encontro um boliviano chamado Aldo, que trabalha na Bolívia e na França, e conversamos bastante. Após meia hora, o líder da Peak Freaks conta o que está acontecendo com as cordas fixas. Elas foram fixadas até o campo 3 e, assim que o tempo permitir, serão colocadas até o cume. Mas, claro, isso tem um custo que pode ser pago em metros de cordas e mão de obra ou então em dinheiro. Ele pede ao redor de US\$ 65 por escalador ou o equivalente em material. Acho bastante razoável. Pergunto como está a situação do helipad e ele me diz que será feito um melhor e que os helicópteros podem fazer resgates até no campo 2.

Saio de lá com o Aldo, que vem visitar nosso campo e eu, ele e o Milton ficamos conversando sobre montanhas, Bolívia, trabalho, férias, planos. Esta é a primeira vez dele no Nepal, seu primeiro 8000. Aos poucos vamos desenvolvendo uma rede de novos amigos, já que todos estão na mesma onda de tédio enquanto não podemos escalar. Temos dois vizinhos noruegueses, dois primos que estão em uma expedição só os dois e um deles é super carente e volta e meia instala-se em nosso campo, o que ora é ok, ora é um pouco invasivo demais.

O restante do dia transcorre da mesma maneira que os últimos, conversar, ouvir música, escrever, dormir.

16 de setembro de 2012 - décimo nono dia de expedição

Impressionante! A chuva não para um segundo. Há setenta e duas horas que chove sem uma parada. E as avalanches ao lado do acampamento, que caíam a cada poucas horas, agora caem a cada 15 minutos. Enormes, ruidosas, amedrontadoras. As notícias de quem chega lá de cima é que caíram 50 centímetros de neve no campo 1. A rota para o campo 2 está muito perigosa, a ameaça de avalanches é enorme. Não só precisamos de bom tempo para subir, precisamos que pare de nevar por pelo menos 48 horas para a neve estabilizar e o risco de passar embaixo daqueles seracs seja aceitável. Vamos ficar aqui por algum tempo..

Abro os olhos e vejo o satélite e ele me chama. Tenho que pensar para me controlar e decidir não usar. A solidão, imobilidade, aborrecimento, fazem com que a vontade de ligar fique enorme. Deixo-me ficar dentro do sleeping bag quentinho enquanto ouço o pingar da chuva no teto da barraca. Fecho os olhos e adormeço novamente. Quando abro os olhos novamente já é hora do café da manhã. Encontro o Milton na mesma situação dentro de sua barraca. Passamos a manhã conversando. Aos poucos vamos nos conhecendo mais profundamente em longas conversas. Estou feliz com a escolha de companheiro para esta expedição.

17 de setembro de 2012 - vigésimo dia de expedição

Temos de tomar cuidado com o que desejamos, talvez ser mais específico. Passamos o dia de ontem pedindo para a chuva parar. Ela parou... e começou a nevar abundantemente. Agora estou realmente preocupado com nossas barracas lá no campo 1 e com nosso equipamento todo enterrado no campo 2. Se está assim aqui embaixo, como estará lá em cima? E o pior, nos encontramos com outros escaladores que nos contam que a previsão de tempo da Peak Freaks é de mais dois dias de nevascas. Decidimos que não importa o que aconteça, amanhã vamos subir ao campo 1 para ver como estão nossas barracas, torcendo para que elas estejam apenas soterradas e não destruídas.

Para passar as infinitas horas de mais um dia de inatividade, assistimos a dois filmes no lap top, um chamado de "Porta em Porta", sobre um vendedor portador de

paralisia cerebral, e outro chamado "A Caminho de Guantánamo", super deprimente. À tarde chamamos nosso vizinho para jogar cartas e assim transcorreu mais um dia dentro da barraca refeitório.

18 de setembro de 2012 - vigésimo primeiro dia de expedição

Ontem já tínhamos decidido que iríamos subir ao campo 1, não importasse que tempo fizesse. Já estamos há 5 dias dentro das barracas sem fazer nenhuma atividade física e nunca fiz isso em uma expedição. Para mim a regra de ouro é manter-se ativo, o que chamo de "active rest", uma forma suave de dizer que não há descanso, a não ser nos dois dias antes da arrancada final para o cume. Ficar na barraca sem fazer nada acaba te deixando mole, tanto física quanto emocionalmente. O ócio prolongado vai criando vida própria e, quando você vê, até para ir ao banheiro você tem preguiça. Além disso, temos um motivo muito forte para subir. Não sabemos o estado das nossas barracas lá em cima e estamos muito preocupados com isso.

Logo após o café da manhã, saímos os três, eu, o Milton e o Dorje. Como sempre, logo em seguida estava na frente, sabendo que o Milton, desde o começo da expedição, tem mantido um ritmo um pouco mais lento do que o meu. O Milton é um pouco mais baixo do que eu, mas normalmente forte como um touro. Durante o trekking ele estava parando muito para fotografar, de modo que não sabia muito bem qual era o ritmo dele. Aqui na montanha ele tem se mantido um pouco atrás, mas nada preocupante. Hoje, porém, ele estava muito mais lento. Eu andava um pouco e tinha de esperar por ele por alguns minutos. Comecei a ficar preocupado e não sabia se perguntava a ele o que estava acontecendo ou esperava. Um pouco mais tarde ele mesmo disse que se sentia super estranho, estava muito cansado e não entendia a razão disso. Não estava com qualquer sintoma pulmonar, não tinha diarreia, não se sentia doente, apenas estava sem fôlego. A cada dez passos tinha de parar. Tentei tranquilizá-lo, embora eu mesmo estivesse preocupado. Diminuí meu ritmo para acompanhá-lo e o Dorje disparou na frente.

A neve não parou de cair o dia todo, da mesma maneira como está há dois dias. Ao nosso lado direito, do pico assessorio do Manaslu, caíam incessantes avalanches

como nunca vi em minha vida de montanhista. Parecia mais uma noite de tempestade dessas em que não para de relampejar e trovoar. A cada minuto, ouvia-se um enorme ruído e uma nuvem de neve caía no glaciar. Por sorte, nosso caminho era bem ao centro do glaciar, a salvo das avalanches. Não queria nem pensar no que estaria acontecendo entre o campo 1 e o 2...

Com a neve dos últimos 2 dias, boa parte das cravasses estava coberta e, tanto eu como o Milton, afundamos uma das pernas em um buraco oculto em ocasiões diferentes. Não deu para ter medo, apenas para deixar-nos ainda mais atentos ao caminho, já que algumas vezes podíamos ver a marca das cravasses ao nosso lado, mas não à nossa frente.

Eu estava me sentindo muito forte e creio que teria feito até o campo 1 em três horas. No ritmo do Milton acabamos fazendo em quatro e meia, apenas um pouco a menos do que das outras vezes quando estávamos com 30 quilos de carga. Desta vez o Milton começou carregando uma barraca, mas um pouco adiante passou para mim, pois realmente estava muito cansado.

Os últimos metros da escalada fiz com o coração na boca, com medo do que iríamos encontrar. Quando finalmente avistei as barracas, não só vi que elas estavam bem, mas que tinham sido descobertas da neve. Achei que o Dorje tinha feito o trabalho e já ia conversar uma vez mais com ele sobre isso. Eu e o Milton estamos nos propondo a fazer esta expedição sem a ajuda dele. Mas, quando cheguei lá, ele me disse que nossos vizinhos alemães tinham nos feito o favor. Na primeira vez que subimos ao campo 1 eles nos pediram emprestado um fogareiro, gás e panelas, já que este material ainda estava em Sama Gaon. Empréstamos com prazer e esta foi a forma de agradecimento deles, tirar toda a neve que cobria nossas barracas. Ainda assim, melhoramos o que eles tinham feito, tirando a neve não só de cima mas também dos lados, já que talvez a nevasca continuasse.

O caminho de volta foi tranquilo, porém estranho. Pela primeira vez senti realmente frio na montanha e cheguei a considerar colocar a balaclava para proteger meu rosto, que começava a ficar amortecido pelo frio. Andávamos em um mundo completamente branco. A neve no chão, a que caía, a bruma branca espessa

iluminada por uma luz leitosa. Era como se caminhasse em um sonho inteiramente branco.

Descemos em um recorde de 90 minutos e o Milton chegou cansado, mas sentindo-se bem. Almoçamos e descansamos um pouco e então decidi socializar um pouco com os chilenos e com uma espanhola que conheci ontem na frente de nosso acampamento. Eu sou super conversador e vou conversar um pouco com cada um que passa por aqui, não só pelo prazer de conhecer mais gente, mas também para trocar informações, saber se elas têm previsões de tempo, quais são os planos de cada um. A espanhola, Eva, me disse ontem que estava morrendo de vontade de conversar em espanhol e lhe sugeri que no dia seguinte, hoje, fôssemos ao acampamento dos chilenos, já que seria o dia nacional do Chile e poderíamos fazer uma pequena festa. O Milton, sempre mais tímido, preferiu não ir e acabei indo sozinho. Ela tinha me dito que a barraca dela era a última do acampamento, a uns 15 minutos de caminhada do nosso. Realmente, só consegui achá-la porque sua descrição tinha sido acurada. Não há nada mais complicado do que achar alguém ou algum acampamento se você não tiver uma descrição bem precisa de onde é. Fui à sua barraca e a convidei para visitar a Patty. Fomos conversando e ela aos poucos contou-me sua história. Esta é a sua sexta montanha de 8000 metros. Já fez a temível Nanga Parbat, o G1, o G2, o Broad Peak, todos no Paquistão, e o Lhotse, no Nepal.

Da prometida festa não aconteceu nada, apenas ficamos conversando debaixo da nevasca e, quando escureceu, acompanhei a Eva de volta à sua barraca e vim para nosso acampamento. Um pouco antes de nos despedirmos perguntei a ela se não tinha vontade de fazer o Evereste e ela me disse que não tinha dinheiro para isso mas, se fizesse, iria pelo Tibete. Quando perguntei por quê, ela me disse que não voltaria a enfrentar a cascata de gelo do Evereste. Quando estava escalando o Lhotse, cuja via de escalada coincide 80% do caminho com a rota de subida do Evereste, teve um acidente. Ao falar isso, soube de cara quem era ela. Quando estava esperando a minha ex-esposa, Andrea, voltar do cume, soube que uma espanhola havia se acidentado após ter feito o cume. Todo um enorme bloco de gelo pelo qual ela caminhava simplesmente desapareceu debaixo de seus pés. Tudo veio abaixo e ela caiu 30 metros, fraturando 4 vértebras lombares e o joelho. Por muita sorte não morreu, mas teve um resgate muito complicado.

Sem sabermos, eu e a Eva tínhamos feito o cume do Cho Oyu com um dia de diferença em 2009 e estávamos no mesmo campo base do Evereste no mesmo ano...

19 de setembro de 2012 - vigésimo segundo dia de expedição

Por alguma razão, tinha certeza de que hoje o tempo melhoraria e que poderíamos finalmente fazer planos para subir e terminar nossa aclimatação. Por isso, quando notei a diferença na qualidade da luz que filtrava pelo tecido da barraca, não me surpreendi, apenas fiquei feliz. Era ainda muito cedo, antes das seis da manhã, mas já ouvia o Rinji trabalhando com sua pá, tirando a neve do nosso acampamento. Quando saí da barraca, às 7, a paisagem estava maravilhosa. Novamente podia me deslumbrar com a beleza do East Pillar. Ao meu redor muito havia mudado desde a última vez que vi esta paisagem, há quase uma semana. Todas as montanhas estavam cobertas de neve, mesmo as não tão altas.

Com o sol, uma quantidade imensa de neve na forma de uma quase contínua cascata caía das montanhas com um enorme estrondo. Realmente temos de ter muita cautela na escolha do dia de subir para o campo 2.

Aproveitei o sol para lavar roupa no riacho próximo ao campo, em uma água para lá de gelada. A temperatura vem caindo gradativamente nos últimos dias com a chegada do outono. Estendi a roupa no varal improvisado e fui tomar café. Escuto, então, uma voz feminina me chamando. Era a Eva com sua mochila carregada, perguntando se eu iria subir. Disse que com o bom tempo tinha mudado de planos e que iríamos subir amanhã para dar um dia a mais para a neve consolidar e, com isso, o risco de avalanche diminuir. Ela me disse que queria aproveitar este dia de sol para ver se chegava ainda amanhã ao campo 2, pois não sabia se a janela de bom tempo iria durar e não queria desperdiçar esta oportunidade. Nos despedimos e eu e o Milton ficamos comentando sobre como as pessoas arriscam. Ela não tinha previsão de tempo, podia ouvir a quantidade imensa de avalanches que caía sem parar e, no entanto, tinha planos de seguir para o campo 2. Eu e o Milton estamos na mesma frequência, se não estivermos seguros, não subimos. Não vale a pena arriscar a vida por qualquer montanha. Claro que o risco sempre está aí, mas uma boa dose de cautela não faz mal.

Mas nossa felicidade não durou muito. Às 10 da manhã já novamente estava nevando e assim foi pelo resto do dia. Até agora eu tinha aceitado a inatividade, a frustração de não poder escalar, o aborrecimento absoluto de passar o dia escutando as gotas de chuva ou flocos de neve caírem no teto da barraca com paciência e resignação. Hoje, a saída do sol e a esperança de que finalmente as coisas iam começar a melhorar, me fizeram mergulhar em uma tristeza enorme. Meus livros acabaram e não há nada a fazer, nada.

Às 2 da tarde fui para minha barraca, me enfiei dentro do sleeping bag e passei a tarde inteira meio dormindo, meio acordado, pensando, em um humor terrível. Só saí de lá para o jantar. No varal todas as roupas encharcadas, lembrando-me do otimismo da manhã...

20 de setembro de 2012 - vigésimo terceiro dia de expedição

Impressionante como nossos planos mudaram radicalmente várias vezes nas últimas vinte e quatro horas. Desde então já planejamos subir ao campo 1 apenas para combater o tédio, depois pensamos em descer à Sama Gaon para mandar um boletim, conversar com a Lisete e matar a saudade mas, novamente, principalmente para fazer algo. Hoje, porém, o dia amanheceu bonito e resolvemos reavaliar. Já não temos muitos dias e as janelas de bom tempo são curtas. O melhor seria realmente subir hoje mesmo e tentar aproveitar este bom tempo. Mas, para confirmar, fomos até o acampamento do Russel Brice para pagar a taxa das cordas fixas e tentar obter alguma informação do tempo e dos planos dos outros times.

Quando chegamos lá, no centro da cidade - como de brincadeira chamamos o maior agrupamento de barracas do campo base (sendo assim estaríamos na periferia, no morro...) - o Russel estava dando instruções aos seus clientes sobre como lidar com o equipamento de oxigênio. Bom sinal, significa que eles estão se preparando para o ciclo do cume. Enquanto esperávamos, vimos os incríveis sherpas jogando volleyball, o esporte nacional do Nepal. E isso a 4900 metros!!! Esses caras são realmente fantásticos!

Um pouco mais tarde, pude conversar com o Russel e ele me disse que seus clientes começam a subir rumo ao cume amanhã. Eles foram os que chegaram aqui antes e já fizeram os ciclos de aclimatação, estão prontos. Um friozinho correu na minha barriga ao ouvir isso. As coisas finalmente estão acontecendo. Ele, então, me convidou à sua barraca de comunicações e mostrou-me a previsão de tempo até o dia 26. Hoje, um pouco de precipitação, amanhã, bem melhor, mas talvez ainda um pouco de neve e, do dia 22 ao dia 26, condições perfeitas. A janela finalmente chegou. Para nós ainda não poderá ser esta, é muito cedo, mas nesses dias podemos chegar ao campo 3 e terminar nossa aclimatação e então esperar pela próxima janela, torcendo para que ela não esteja muito distante.

O Milton estava conversando com outro escalador e corri para contar-lhe as boas novas. Claro que a primeira reação dele foi:

- Será que não dá para a gente aproveitar esta janela e ir também para o cume?
Ao que eu respondi:
- Não creio. Acho que chegaríamos ao campo 4 exaustos e não conseguiríamos chegar ao cume e, com isso, necessitaríamos de pelo menos uma semana para nos recuperar para podermos pensar em outra tentativa. Seria, então, tarde demais. Acho muito arriscado. Se fôssemos com oxigênio, seria outra coisa. Quem sabe até poderíamos tentar... O melhor é ter calma e mirar em uma segunda janela.

Voltei para nosso acampamento com borboletas na barriga, como se diz em inglês. De uma hora para a outra, meu estado de espírito mudou 180 graus. A semana parada aqui desapareceu e estou feliz uma vez mais.

Tomei um bom banho, arrumei a mochila com o que precisamos para 4 dias e algumas outras coisas que já quero levar para cima, como meu macacão de penas de ganso, e fui para a barraca refeitório escrever e me hidratar. O plano é sair depois do almoço para o campo 1, amanhã, campo 2 (enfrentando a maldita escada), depois de amanhã, subir ao campo 3 e, dependendo de como a gente se sintar, descer de novo para o campo 2 para dormir ou então dormir no 3. Então, finalmente, descer para o campo base para os dois ou três dias de recuperação para o ciclo de cume!

Desde ontem, ando um pouco preocupado com uma certa falta de ar para fazer coisas pequenas como ir até o banheiro ou da barraca até a barraca refeitório. Já estamos a mais de 4800 metros há duas semanas e não existe aclimação verdadeira a esta altitude, pelo contrário, com o passar do tempo, o corpo vai se deteriorando. Por outro lado, minha saturação está 96% e minha frequência em repouso 49. Acho que este é o aspecto que sempre me preocupa mais em expedições, minha saúde. Nesta altitude, a diferença entre estar bem e ficar doente é muito tênue. Nossas defesas são inexistentes e qualquer coisa como um simples resfriado pode se transformar em algo grave. E eu fico super paranoico com isso. Outra noite acordei com uma dor forte no tornozelo esquerdo e, ainda meio dormindo, entrei em pânico. O que é isso? De onde essa dor apareceu? Ao acordar direito, vi que devia ter dormido com um pé em cima do outro e que não era nada. Voltei a dormir...

Saímos para a montanha à 1 da tarde. Se conseguirmos levar tudo ao campo 3 e dormir lá, já será uma vitória imensa. Montar 3 campos, sendo o último a 6900 metros, sem a ajuda de sherpas, já é uma coisa que nem eu nem o Milton jamais fizemos. Esta é minha meta agora, nisso tenho de me concentrar, com que virá depois, terei de me preocupar no futuro.

Depois de dias com a montanha mostrando todo seu potencial de avalanches a cada cinco minutos, hoje ela está bem mais tranquila e o Nikie Peak, que costuma derramar quantidade imensas de neve no flanco direito do campo base, hoje derrama apenas pequenas avalanches a cada meia hora.

Por incrível que pareça, novamente estávamos carregados, não tanto como das outras vezes, mas o suficiente para chegarmos cansados ao campo 1. Encontramos tudo em ordem no acampamento, preparamos o jantar e entramos dentro do sleeping bag para dormir, mas o sono nunca veio. Passamos a noite toda acordados, olhando o teto da barraca. Nunca as noites são tão longas como dentro de uma barraca nas montanhas.

21 de setembro de 2012 - vigésimo quarto dia de expedição

Mais uma vez, mudança de planos. Depois de uma noite como a que passamos não era prudente enfrentar a cascata de gelo do Manaslu com seus blocos de gelo pedindo para cair, suas paredes intermináveis e a exaustão que, com certeza, nos esperava ao chegar lá. Apesar da alternativa de termos de passar mais um dia de inatividade, decidimos passar mais uma noite no campo 1 para nos aclimatarmos melhor e descansarmos um pouco mais. A consequência disso era que estávamos "gastando" mais um dia da janela de bom tempo e, assim, adiando ainda mais nosso dia de cume. Mas era o mais sábio e nos conformamos com a ideia. O que não sabíamos era que esta decisão teria drásticas consequências em nossas vidas e que se tivéssemos seguido ao campo 2 talvez eu não estivesse agora escrevendo este relato...

A outra razão de nossa noite insone foi que o chão de nossa barraca estava absolutamente irregular, com vales profundos e montanhas afiladas como o terreno ao nosso redor. Não havia conserto. Com o calor dos dias e o frio das noites, já não tínhamos abaixo de nós neve e sim gelo duro como concreto. Desprendemos todas as fixações da barraca e por uma hora trabalhamos com nossas pás para terraplanar nossa plataforma. Novamente colocamos a barraca no lugar, a prendemos na neve e pudemos deitar sobre uma superfície plana. Orgulhosos de nosso trabalho, nos deitamos e deixamos o sol aquecer de maneira super prazerosa seu interior.

Já tínhamos tomado café da manhã, arrumado a barraca e eram, ainda, 9 da manhã, um longo dia nos esperava... À tarde, visitamos nossos amigos chilenos e os noruegueses vizinhos de campo base que, finalmente, tinham saído para sua primeira incursão na montanha.

Mais tarde, o Dorje, pelo rádio, chamou o Rinji, que está em Sama Gaon, e dele ouviu que, não se sabe de onde, apareceu em Katmandu uma notícia de que muitos escaladores desapareceram na montanha. Não ouvimos nada por aqui e ficamos preocupados que esta notícia chegasse à mídia internacional. Pelo sim, pelo não, chamei a Lisete para dizer que a notícia, até onde a gente sabe, é infundada. Mal sabia eu que, ao invés de ser infundada, ela seria acertada em poucos dias...

22 de setembro de 2012 - vigésimo quinto dia de expedição

Acordamos com uma nevasca que contradizia a previsão de tempo que tínhamos. Sempre com o risco de avalanches em nossas mentes, por conta de tantos dias de acumulação de neve na montanha, ficamos paralisados dentro da barraca, sem saber o que fazer. O que tínhamos pela frente era o pedaço mais perigoso da montanha e, com tanta neve fresca, o perigo era ainda maior. Logo em seguida, vimos que todo o acampamento se preparava para subir. Era uma decisão difícil, pois ficar ainda mais um dia no campo 1 significava levar nosso dia de cume ainda mais para frente. Por outro lado, é muito difícil avaliar o risco de avalanche. Ao final, resolvemos subir. Em algum ponto de uma expedição como esta, você precisa enfrentar um risco um pouco maior para poder chegar aonde você quer.

Aos poucos o sol foi saindo e, com isso, realmente decidimos subir, mas com a indecisão anterior, acabamos não nos hidratando como deveríamos nem comendo muito. Saímos apressados e com bastante peso.

Logo de cara o Milton foi ficando para trás e reclamando de uma profunda falta de energia. Eu, inicialmente, estava me sentindo bem e forte e fiz rápido progresso parando para esperar por ele depois da área perigosa de seracs. O Dorje, como sempre, estava forte e seguiu na frente para ver se conseguia encontrar nosso duffle bag que tínhamos deixado enterrado no campo 2. Tínhamos enterrado nosso equipamento há mais de uma semana e, durante esse tempo, nevou mais de um metro e eu estava muito preocupado com o que podia ter acontecido. Tínhamos marcado o local com varetas de bambu de mais ou menos um metro de altura, mas tinha certeza de que elas tinham desaparecido. E se tivessem outras barracas sobre nosso duffle? Lá dentro tínhamos deixado duas barracas, gás e comida para abastecer todos os campos de altitude, além de um pouco de equipamento de escalada. Durante o dia anterior, tínhamos pensado em todas as possíveis soluções e sofrido um monte. Se não o encontrássemos, teríamos de fazer ainda outro ciclo para levar mais barracas, gás e comida.

Cada vez mais o Milton ficava para trás e, com isso, mais frustrado e preocupado ele ficava. Ele é normalmente muito forte e acostumado a andar na frente, mas nesta expedição ele não se sente em sua melhor forma. Esta é sua primeira

expedição tão longa e sente suas energias se esvaindo com as longas esperas, a inatividade forçada no campo base, a inevitável repetição de um menu que, no começo, nos parecia fantástico, mas o passar das semanas e a falta de apetite causada pela altitude faz com que cada refeição seja mais um esforço do que um prazer.

Com a confusão de nossa indecisão de subir ou não, eu acabei tendo como café da manhã apenas um chocolate e, mais ou menos no meio do caminho, minhas forças também acabaram. Acabei andando junto com o Milton e ambos nos arrastamos até o campo. Por sorte, as cravasses estavam cobertas com neve e as pontes muito mais sólidas. Também a escada tinha sido trocada e agora ambos os lados se apoiavam nas bordas da cravasse, de modo que pudemos atravessá-la sem problemas.

Os últimos passos até o acampamento foram uma agonia, não só pela exaustão, como também pela ansiedade de saber o que tinha acontecido com nosso equipamento. Quando virei a última rampa, vi o Dorje me dando o sinal de ok, ele tinha achado nossas coisas.

Desde o começo da expedição o Dorje vinha dando sinais de que talvez quisesse voltar para casa. Ele está com um filho de três meses e, no fundo, não creio que tenha dentro de si a vocação de climbing sherpa. Ele sabe que, em termos de remuneração, ser sherpa escalador é muito melhor do que ser sherpa de trekkings, mas não creio que tenha a força física e emocional necessária para igualar-se a esses seres super dotados que saem com 30 quilos nas costas e vão do campo base ao campo 3 sem maiores problemas.

Assim que cheguei, perguntei a ele quais eram seus planos já que, dependendo disso, seríamos dois ou três escaladores e toda logística do dia seguinte mudaria. Ele, um pouco envergonhado, me disse que preferia voltar para Katmandu, que já tinha tido a experiência que queria e que para nepaleses chegar ao cume de uma montanha não era importante. Montamos apenas uma barraca para mim e para o Milton e o Dorje disse que acharia uma barraca já montada para dormir. Me impressionou a total falta de constrangimento com que ele se apossou da barraca ao lado da nossa, que pertencia a um escalador que tinha montado acampamento e descido para o base. Um pouco mais tarde, um outro sherpa estava procurando um sleeping bag para uma

cliente chinesa que não tinha planos de dormir no 2, mas que ao chegar lá viu que já era muito tarde para voltar. Este sherpa entrou em várias barracas desocupadas até achar um sleeping bag para ela. Ele fez isso abertamente, sem vergonha de estar "pedindo emprestado" o sleeping. Infelizmente, essas histórias são muito comuns nas montanhas. Nestes dois casos nenhum dano aconteceu, mas em outros, escaladores usam comida, gás e até oxigênio dos outros, causando até a impossibilidade de o dono da barraca seguir com sua expedição.

Nos acomodamos em nossa barraca, fizemos o jantar e nos preparamos para dormir. Talvez por causa do cansaço extremo, o Milton teve sua primeira dor de cabeça de altitude de sua vida, apesar de já ter estado mais alto do que isso em outras montanhas. Por muitas vezes no Aconcágua já tinha estado mais alto que os 6350 metros, onde estávamos agora, mas nunca tinha tido o desprazer de experimentar a sensação latejante da dor de cabeça de altitude, onde parece que seu crânio vai explodir se você fizer o menor movimento. Dei a ele uma Novalgina, mas uma hora depois ainda estava com dor. Desta vez dei-lhe um Diamox e, aos poucos, a dor foi melhorando. Então foi minha vez de ter dor. Para mim, nada de novo. Pelo menos sabia o que era e estava acostumado. Finalmente, ao redor das 23 horas, adormecemos.

23 de setembro de 2012 - vigésimo sexto dia de expedição

Às 4 da madrugada, despertei, completamente sem sono, mas como não tinha nada a fazer, fiquei de olhos fechados e, eventualmente, voltei a adormecer. Meia hora mais tarde, acordo com um terrível barulho e com a barraca sacudindo violentamente com uma avalanche. O pesadelo de todo escalador estava acontecendo comigo pela primeira vez! Tudo escuro, eu desesperado e esperando o momento em que eu, o Milton e a barraca seríamos levados montanha abaixo, sob toneladas de neve e gelo. Gritei para o Milton que dormia profundamente que segurasse as varetas da barraca para ela não desabar sobre nossas cabeças. Não havia muito mais o que fazer. Não me lembro exatamente de sentir medo, apenas a espera do fim, da grande massa de neve me levando para sempre. Eu e o Milton havíamos assistido um vídeo sobre como resgatar vítimas de avalanches poucos dias

atrás e naqueles infinitos segundos passou pela minha cabeça que a chance de vida existe apenas se a vítima é resgatada dentro dos primeiros 18 minutos. Começava aí um pesadelo que iria me acompanhar pelo restante da expedição e que, certamente, iria me marcar por toda vida. Aos poucos a barraca foi parando de balançar e um profundo silêncio nos envolveu. Fiquei sentado, quieto, na expectativa do que viria. O único ruído era meu coração batendo loucamente. Era isso? Havíamos sobrevivido? Tinha acabado? Não podia acreditar em nossa sorte. Demos início, então, à tentativa de buscar nossas coisas na bagunça em que a barraca havia se transformado.

Costumo dormir sem roupa, mesmo em temperaturas muito abaixo de zero. Sinto-me desconfortável dentro do sleeping e com roupas. Já havia pensado muitas vezes que se estivesse envolvido em uma avalanche isso seria um grande problema, mas nunca pensamos que esse tipo de coisa pode acontecer conosco, apenas com os outros. No escuro, fiquei buscando minha lanterna de cabeça que, claro, não estava onde eu havia deixado. Também não encontrava minha roupa. O Milton, que já estava vestido, conseguiu sair da barraca assim que ela parou de chacoalhar. Saí em seguida e aos poucos vi outras pessoas saindo também. Havia dois acampamentos 2, o que estávamos e, o outro, cerca de 30 metros mais para cima. Éramos aproximadamente setenta pessoas no acampamento 2 de baixo e, no de cima, outras trinta. Nossa barraca, que usávamos esta noite pela primeira vez, recém havia sido comprada, estava com uma das varetas quebrada e com um grande rasgo na porta traseira. Mas, olhando ao redor, vi que havíamos tido sorte, muita sorte. Por toda parte havia barracas completamente destruídas. Gritando no escuro, conversamos uns com os outros e vimos que, apesar da destruição, não havia vítimas. Todos estavam emocionalmente abalados, mas não havia ninguém machucado. Mas, então, vimos que, espalhados por nosso acampamento, havia várias botas de escalada, panelas, bastões de caminhada e objetos que haviam voado do acampamento superior. Logo ficamos sabendo que ele havia sido completamente destruído. Algumas pessoas estavam machucadas, mas aparentemente nada sério. O frio estava muito intenso, minhas botas estavam com neve dentro, meus pés doíam de frio, minhas mãos adormecidas. Havia me vestido com pressa e estava tiritando. O dia amanhecia lindamente, destoando do que acontecia ao nosso redor. A natureza mostrava duas faces completamente opostas, a beleza e a destruição.

Assim que nossos corações se acalmaram, resolvemos entrar de volta ao calor de nossas barracas e tentar fazer sentido do que havia acontecido. O que iríamos fazer? Continuaríamos com nossos planos de subir ao campo 3? Desceríamos? Mal sabíamos que o pesadelo recém estava começando.

Algum tempo depois, ouvimos um grito de pedido de ajuda. Era um sherpa que havia descido do campo 3 apenas com suas roupas térmicas e meias dizendo que a avalanche havia sido muito mais acima e que havia soterrado as 20 pessoas que estavam lá. Possivelmente, todos estavam mortos... Uma informação como essa é quase impossível de assimilar. Como assim todos mortos? Não podia ser possível! Ele estava com os pés congelados e necessitava de ajuda. Rapidamente, colocamos nossas botas de escalada, cadeirinhas, mais roupa e nos preparamos para subir. Passaram-se, nesse momento, alguns minutos decisivos para mim, que me perseguem desde então. Mesmo agora, alguns dias depois, ainda não consigo entender o que aconteceu. Após passado o evento, é muito mais fácil saber o que teria sido correto ter feito e o que não deveríamos fazer mas, infelizmente, na hora tudo é muito mais confuso. O que sabia era que o campo 3 estava 600 metros acima de onde eu estava e que, naquela altitude, ainda não aclimatado, levaria pelo menos 4 horas para chegar lá. No nosso campo estavam duas expedições comerciais grandes, a IMG e a Alpine Ascents. Dois dos seus guias estavam prontos para subir ao campo 3 e quando falei com um deles, ele me disse que também esperava levar 4 horas para alcançar o campo 3. Disse a ele que o melhor seria deixar os sherpas irem, já que são infinitamente mais rápidos do que nós e que chamássemos o resgate de helicópteros, pois poderiam chegar lá em menos de uma hora desde Katmandu. Ele me disse que iria ligar para sua agência em Katmandu, pois eles tinham bons contatos com uma das empresas de helicóptero. Ofereci meu telefone por satélite, mas ele disse que também tinha um. Ele me disse que, provavelmente, estava subindo apenas para achar os corpos, já que até chegarem lá em cima, mesmo se houvesse sobreviventes, já teriam morrido.

Ao ouvir isso, parei e lentamente caminhei de volta para minha barraca. Contei ao Milton o que havia ouvido e fiquei parado tentando pensar no que queria fazer. Liguei, então, para a Lisete contando o que havia acontecido para tranquilizá-la.

Sabia que muito em breve a mídia começaria a noticiar o ocorrido. O Milton também ligou para sua esposa, Ana.

As próximas horas passaram-se em incrível câmara lenta. Ora achava que deveria subir, para logo após achar que não haveria nada a fazer quando chegasse lá em cima. Especulávamos quem estaria no campo 3. Nossos amigos alemães esquiadores seguramente estavam lá. Que dor! Ainda ontem cruzamos com eles, jovens super fortes, sempre com um sorriso no rosto. Haviam desenterrado nossa barraca no campo 1 alguns dias atrás. Os três equatorianos? Talvez também estivessem. Essas possíveis vinte pessoas eram todas independentes, assim como nós, sem fazer parte de expedições comerciais. Eram os mais fortes, os que estavam na frente, prontos para a primeira tentativa de cume. Um dos guias da IMG tinha ficado no campo 2 para coordenar os esforços e fui oferecer minha ajuda no que fosse possível. Isso era algo absolutamente natural em mim, mas sentia dentro de mim o começo da pontada da culpa. Culpa porque eu não havia subido também... Culpa porque sou médico e poderia haver algum sobrevivente... Por que eu não havia acompanhado os outros dois guias? Tenho certeza de que não havia sido por qualquer forma de egoísmo. Sempre me prontifico a ajudar as pessoas, é algo que ocorre naturalmente em mim. Mais do que isso, me voluntario para ajudar. Quantas vezes, nas trilhas do Nepal, encontrei alguém completamente desconhecido que parecia não estar bem e parei para ajudar. Desta forma, tenho certeza, já salvei várias vidas. No Aconcágua, neste ano, sacrifiquei minha chance de cume para salvar um senhor japonês que estava com edema pulmonar. Não, não era isso. Acho que imaginava que não teria sido capaz de chegar lá a tempo de ajudar em alguma coisa. O passar do tempo provou que estava errado, deveria ter ido, poderia ter ajudado, talvez pudesse ter salvado alguém. Não sei e nunca saberei. Terei de viver com isso.

O guia da IMG, Peter, estava no rádio e, à sua frente, outro escalador, um francês, olhava-o com lágrimas nos olhos, enquanto Peter falava no rádio. Ia repetindo os nomes que o guia que estava no campo 3 falava, anotava e depois dizia duas palavras: injured (ferido) ou deceased (falecido). Esses nomes eram dos membros da expedição deste francês, de seus amigos. A cada nome, seu rosto se contraía de dor. Quatro deles estavam mortos.

Perguntei em que podia ajudar e Peter me disse que precisávamos construir um heliporto, pois o helicóptero usaria o campo 2 como base intermediária para o resgate. Na altitude do campo 3 o helicóptero só pode decolar com uma pessoa, mas um pouco abaixo pode seguir com mais passageiros. Começamos a cavar uma plataforma, trabalho duríssimo com o pouco oxigênio, mas logo depois Peter disse que era para pararmos. O helicóptero pousaria no campo 2 superior, que era mais plano que o nosso. Os números que chegavam pelo rádio eram inacreditáveis. Talvez até 20 pessoas estivessem mortas. Ninguém sabia ao certo, já que tampouco se sabia quantas pessoas estavam lá em cima. Os helicópteros que deveriam ter chegado horas atrás ainda não estavam lá e não entendíamos por quê. Já eram 10 da manhã, e nada.

Aos poucos fomos juntando as peças do quebra-cabeça e entendendo mais o que havia passado. O campo 3 normalmente é montado em uma sela que separa o cume verdadeiro do Manaslu de seu cume acessório, o cume norte, com pouco mais de 7100 metros. O problema deste lugar é que, apesar de ser seguro, ele fica muito exposto aos ventos, como qualquer sela. Essas pessoas, então, haviam decidido fazer seu campo 3 um pouco mais abaixo, ao redor de 6600 metros. Não esperavam que, justamente nesta noite, um gigantesco bloco de dezenas de toneladas de gelo se desprendesse de um lugar próximo ao campo 4, a 7400 metros, e que desencadeasse uma das mais impressionantes avalanches já vistas nesta montanha, famosa por grandes avalanches. Todo um lado da montanha forrada de neve fresca deslizou por quilômetros, varrendo tudo em seu caminho. Também ficamos sabendo que nós, no campo 2, estivemos a um passo de sermos varridos também. Acima de nós havia três grandes cravasses com dezenas de metros de extensão. A neve que vinha em uma velocidade inimaginável em nossa direção foi engolida por estas cravasses. Por isso estávamos vivos...

A tarde estendeu-se sem que se soubesse com exatidão o que acontecia. Aos poucos fomos sabendo de sobreviventes que foram retirados da montanha por inúmeros voos de helicóptero. O primeiro a ser evacuado foi um alemão em estado crítico e, mais tarde, soubemos que ele faleceu a caminho de Katmandu. Ao nosso redor, o acampamento 2 ia ficando cada vez mais vazio. Ninguém queria passar mais uma noite naquele lugar marcado pela tragédia. Ir ao campo base era como ir de volta à

casa, ou o que tínhamos de mais próximo de uma casa, segurança. Mas eu e o Milton não conseguíamos sair de lá. Resolvemos ali passar mais uma noite com a crença de que, agora que essa quantidade imensa de neve havia caído, o lugar estaria seguro. Mas, mais do que tudo, tínhamos de pensar, refletir, absorver o que tinha acontecido. O campo base seria o último lugar propício para isso. Podíamos imaginar o que estaria acontecendo lá em baixo. No final da tarde, havia apenas nós dois e outros oito escaladores, que estavam quietos em suas barracas. Que diferença com o dia anterior... Onde, há 24 horas, existia alegria e esperança, agora existia uma profunda tristeza e desespero.

No final da tarde, o Milton me disse que, após pensar muito, tinha decidido não prosseguir com a escalada. Estava muito preocupado com o que sua família estava sentindo, a preocupação deles, mas também sentia que não estava com o preparo físico necessário para enfrentar um 8000. Tinha chegado exausto ao campo 2 e não conseguia imaginar-se escalando ainda mais alto, muito mais alto. Já eu, também depois de muita reflexão, tinha decidido que não queria abortar a expedição por causa do que passou. Apesar da escala deste acidente, sabia desde o começo que as pessoas morrem em montanhas com esta. No Cho Oyu, havia ocorrido várias mortes e no Evereste também. Era parte de escalar montanhas de 8000 metros e desistir por causa disso não fazia sentido para mim. Mas, sem companheiro??? Não, escalar sozinho nunca me atraiu. Para mim, esta experiência tinha de ser dividida e o Milton tinha se revelado um excelente companheiro. Formávamos um time bem azeitado, onde um fazia o que tinha de se feito, sem que o outro precisasse pedir. Sua decisão deixou-me sem base, como que se o chão repentinamente tivesse sido tirado debaixo de meus pés. O que faria?? Claro que respeitei sua decisão. Este tipo de tomada de decisão é uma coisa inteiramente pessoal, não questionável. Cada um tem de seguir sua intuição e ela raramente está errada. Sem saber o que pensar ou fazer, saí vagando pelo campo 2, agora abandonado.

Um pouco mais tarde, conversei com o francês que tinha perdido seus amigos. Contou-me que chegou ao campo 2 muito cansado e que resolveu se separar de seus amigos e ficar sozinho uma noite mais no campo 2. De madrugada, às 4 da manhã, saiu rumo ao campo 3 para reunir-se com seu grupo. Meia hora mais tarde, veio em sua direção um vento fortíssimo que o atirou ao chão, o vento que é deslocado pela

grande massa de neve descendo a incríveis velocidades das grandes avalanches. Em seguida, foi carregado pela avalanche, mas teve sorte, ficou na superfície e apenas machucou seu joelho. É impossível ouvir essas histórias e não se questionar se, na realidade, não existe um plano maior em algum lugar que diz que você deve viver e o outro deve morrer. Como justificar histórias como esta?

Meia hora depois, vejo o americano esquiador que estava com dois amigos franceses no grupo do Henry Todd. Eu o havia conhecido quando visitei seu campo para conversar com Henry, amigo há vários anos. Ele vinha amparado por dois sherpas e estava com uma máscara de oxigênio. Fui levar água a ele e perguntar se precisava de algo. Disse que não e contou-me sua terrível história. Estava com insônia e, às 4 da manhã, vestiu-se com seu macacão de penas, sentou-se e começou a ler a bíblia. Na barraca, com ele, estavam seus dois amigos franceses, um dos quais um famoso guia de montanha com 11 das 14 montanhas com mais de 8000 metros. De repente, é arremessado 200 metros montanha abaixo, para dentro de uma cravasse. Consegue escalar para fora dela, usando as mãos e os pés. Estava sem suas botas e volta ao lugar onde estava para descobrir que tudo tinha desaparecido, sua barraca, seus amigos, tudo. Ele tinha um dente quebrado, um machucado na testa, onde estava sua lanterna de cabeça, e mais nada. Seus amigos nunca foram achados... Perguntei como ele estava e ele, chorando, disse-me que estava com o dente quebrado e o coração estilhaçado.

Fui dormir com um nó na garganta, exausto emocionalmente e sem saber o que iria acontecer dali para frente. Já tinha colocado tanta energia, tanto trabalho duro para chegar onde havia chegado. Mas também estava profundamente triste.

24 de setembro de 2012 - vigésimo sétimo dia de expedição

Apesar de tudo, dormi profundamente quase a noite inteira. Pela manhã, quando levantamos, éramos os únicos no acampamento. Tínhamos pela frente mais um longo dia de trabalho pesado. Levar de volta todo o equipamento do Milton, mais gás e comida que não seriam usados por ele. Era também o momento crucial de eu decidir o que iria fazer. Se deixasse minhas coisas lá em cima, estaria decidindo que iria subir, com alguém mais ou não, com cordas fixas ou não. Respirei fundo e fechei o

zíper da barraca com minhas coisas lá dentro. Fosse o que fosse, iria continuar a escalada.

A descida com mais de 30 quilos foi muito cansativa e várias vezes tivemos de parar para descansar. Após 4 horas de dura escalada, chegamos de volta ao campo base. Tomei um bom banho e dormi a tarde toda, um sono profundo, sem sonhos e sem preocupações. A decisão havia sido tomada lá em cima.

No jantar, o Milton contou-me que tinha havido um encontro dos escaladores latinos e que neste encontro haviam decidido que muitos subiriam, mesmo sem cordas fixas. No encontro estava a Eva, a espanhola que havia conhecido dias atrás. Ela estava sozinha e tinha muita experiência, já havia escalado sem oxigênio e sem sherpas 5 das montanhas com mais de 8000 metros. Foi cogitado, na reunião, que eu me juntasse a ela, algo que já estava em minha mente.

25 de setembro de 2012 - vigésimo oitavo dia de expedição

Sabia que Henry Todd estava descendo de manhã cedo rumo a Sama Gaon e Katmandu e resolvi ir visitá-lo para despedir-me, para mostrar minha solidariedade e para rever o americano que nunca perguntei o nome. Ele saiu da barraca refeitório e veio abraçar-me e agradecer pelo conforto que consegui dar a ele no dia anterior. Novamente, tinha lágrimas nos olhos. Suas palavras serviram para amenizar um pouco minha culpa, que continuava a me atormentar. Às vezes, coisas pequenas como algumas palavras têm um profundo impacto.

Henry estava também muito abalado. Em mais de 20 anos organizando expedições às maiores montanhas do planeta, nunca havia perdido um cliente, e agora, de uma vez só, dois haviam morrido. Então ouvi o que deve ter sido a mais trágica história desta tragédia. Contou-me que ligou para as famílias dos dois escaladores franceses seus clientes dando a triste notícia. Posso imaginar o quanto foi duro para ele dar essa notícia e, claro, para as famílias receberem a confirmação de que haviam falecido. Uma hora depois, a embaixada francesa ligou para a família dizendo que tinha havido um engano e que os dois estavam vivos e bem! Mais uma vez Henry teve de ligar e dizer que não, que eles realmente estavam mortos. Por uma hora, imagino,

as famílias comemoraram, respiraram aliviadas, para então saber a confirmação da dura verdade. Que tragédia!!! Saí de lá arrasado, compartilhando o sofrimento de tantas pessoas.

Na saída, Henry me disse que nessas montanhas, além de experiência, bom senso e técnica, você também precisa de sorte. Se não tem sorte, é melhor não se aventurar nessas paragens...

Junto com o Milton fui saber dos planos da Eva e da Patty Sotto. A Eva me disse que poderia se juntar a mim, mas não tinha planos de dormir outra vez no campo 2. As cravasses que tinham nos poupado da avalanche agora estavam cheias de neve e, se mais uma avalanche acontecesse, o lugar não seria seguro. Também disse que talvez atacasse o cume a partir do campo 3, um dia de mais de 1200 metros verticais. Alguma coisa na maneira tão assertiva dela me assustou e percebi que não me sentia confortável em sua companhia. Saí da conversa muito deprimido, já que, fora ela, não via outra possibilidade de companhia para a escalada. No acampamento dos chilenos fomos recebidos com muito carinho e com visível alívio de verem-nos bem. Eles estão um passo atrás em termos de aclimação e não seriam possíveis companheiros de escalada.

Quando cheguei ao meu acampamento, uma senhora canadense perguntou-me se tinha uma bateria para sua máquina fotográfica. Acabei convidando-a à nossa barraca refeitório e ficamos conversando por mais de uma hora. Contou-me um pouco de sua vida, de suas escaladas e me disse que estava compartilhando a expedição com um australiano chamado Paul Hudson e com um israelense chamado Danny. Paul estava escalando com um amigo da África do Sul que, após o acontecido, desistiu e Paul estava sem parceiro. Já tinha encontrado Paul em duas ocasiões, ao lavar roupa no pequeno córrego próximo de nossa barraca e depois no campo 2, após a avalanche. Assim como eu, ele estava escalando sem sherpas e sem oxigênio. Apesar de viver e se apresentar como australiano, ele nasceu no Chile e fala um pouco de espanhol. Imediatamente senti uma boa conexão com ele e, quando soube que estava sem parceiro, imediatamente fui ao seu acampamento ver quais eram seus planos. Ele me disse que estava planejando descansar dois dias e, então, subir de campo a campo. Estava conversando com o israelense de irem juntos, mas gostaria muito que eu me juntasse a eles. Aparentemente, ele sentiu o mesmo em relação a mim. Paul

tem 46 anos, é um pouco mais alto que eu e, apesar de ter cabelos grisalhos, tem um sorriso de menino muito cativante. Sua ascendência alemã não encobre a forma descontraída australiana e, após poucos minutos, senti-me super à vontade em sua companhia. Já fez uma tentativa de escalar um 8000 sem oxigênio há dois anos, participando de uma expedição ao Makalu, a quinta mais alta do planeta e uma montanha bastante complexa. Também já participou de três expedições ao gelo continental na Patagônia, um dos lugares com o clima mais pavorosos do planeta.

Poucos minutos depois, veio o israelense, e imediatamente começamos a fazer planos e saí de lá sem as incertezas dos dias anteriores. Dia primeiro de outubro tentaríamos o cume!!

Chegou o momento, então, de contar à Lisete que eu realmente iria voltar à montanha. Desde que contei a ela que o Milton não iria subir, o nível de ansiedade dela disparou. Mas como eu subiria sozinho? E sem cordas fixas? A montanha estava perigosa! Ela sabia que não podia me pedir para não escalar, este acordo não falado era sagrado. Ela sabe que isto é minha vida, minha paixão e minha profissão, mas claro que ouvia em sua voz tristeza, preocupação e até censura. Expliquei a ela, em uma longa ligação, que a montanha na realidade estava mais segura agora, que estava entrando uma janela maravilhosa que coincidia com a lua cheia, que meus novos companheiros eram experientes, um já tendo tentado o Makalu, a quinta mais alta montanha da Terra e o outro tendo escalado na Ásia Central montanhas técnicas. Ambos parecem muito fortes e eu estava confiante. Não sei se consegui convencê-la. Ainda sobra o assunto de subir sem cordas fixas.

26 de setembro de 2012 - vigésimo nono dia de expedição

Dormi uma noite maravilhosa com a abundância de oxigênio do campo base, pelo menos comparado com o que temos no campo 2. Lavei a roupa que iria usar na escalada e dediquei o resto do dia, ou quase, para escrever o que tinha acontecido nesses fatídicos dias. O fato de sentir vontade de escrever, que não tinha acontecido até agora, me dizia que, aos poucos, estava ficando novamente em paz com tudo, que meu coração começava ao menos a digerir esses três dias tão tristes.

A cada momento via o campo base encolher com uma multidão de carregadores levando tudo montanha abaixo.

Enquanto escrevia, a Eva veio visitar-me e contei a ela minha decisão de não seguir com ela e sim com meus novos companheiros. Ela compreendeu e disse que realmente não queria dormir no campo 2. Disse-me, também, que às 15 horas haveria uma reunião dos independentes, escaladores que não estavam em nenhuma expedição comercial, para ver quais eram os planos de cada um. Na reunião, fiquei sabendo de uma excelente notícia. A equipe do Russel Brice tinha saído hoje com seus clientes e sherpas para o campo 1 com planos de fazer cume no dia 30 de setembro. E... iriam fixar cordas até o cumel! Também soube que realmente a previsão é de bom tempo até o dia 3 de outubro, com ventos de 30 quilômetros por hora e temperatura de amenos 25 graus negativos, ou seja, condições mais do que ideais para cume. Grande parte dos grupos está mirando o dia 30 de setembro para o cume, o que fez com que nosso pequeno grupo ficasse ainda mais decidido a tentar o cume no dia 1º de outubro.

De lá, eu, a Patty, o Paul e a Eva fomos até o acampamento dos equatorianos para sabermos notícias dele. Eles tinham saído ontem e hoje chegaram ao real campo 3, a 6900 metros, onde na semana passada tinham deixado todo seu equipamento, incluindo sleeping bags, macacões de pena de ganso, etc. Com toda essa nevasca e a avalanche, não sabiam o que iriam encontrar. Mas, para mim, a ida até o campo deles tinha também um outro objetivo, conhecer Ivan Vallejo, o único latino americano a escalar as 14 montanhas acima de 8000 metros. Ele nos recebeu com um grande sorriso e imediatamente me encantei com seu jeito simples, brincalhão e atencioso. Conversamos bastante e, infelizmente, soubemos que a barraca dos equatorianos havia desaparecido, levada por uma avalanche, a mesma ou outra, ou talvez pelos ventos ferozes lá de cima. Ouvir isso me deu um enorme frio na barriga. Se tivesse sido a mesma avalanche, então ela teria sido ainda maior do que imaginávamos. Para compensar a tristeza da perda de todo o equipo, vieram ao campo três alemães esquiadores que, ao saberem da perda, imediatamente ofereceram seu equipamento emprestado. Eles não iriam precisar de nada disso. Estavam partindo depois de amanhã diretamente do campo base para o cume em skis e pretendiam fazer o trajeto de ida e volta em menos de 24 horas. Fiquei olhando para eles com profunda

admiração. O que me tardaria cinco dias a fazer, eles estavam se propondo a realizar em menos de um!!! Nada como isso para ensinar humildade.

Jantei com o Milton, tomamos um copo de vinho australiano e brindamos ao sucesso. Pela primeira e última vez, tentei convencê-lo a subir comigo, mas ele tinha sua decisão tomada e não mudaria de ideia. Fui dormir com o coração na boca. Amanhã começa um dos maiores desafios da minha vida.

27 de setembro de 2012 - trigésimo dia de expedição

Não sei definir o que sinto hoje. São tantos sentimentos e emoções dentro de mim que não consigo definir nem se estou feliz ou não. Teria sido tão mais fácil desistir como noventa por cento dos escaladores fizeram. Agora estaria caminhando montanha abaixo deixando para trás desconforto, exaustão, medo, perigos. Mas, sei que se fizesse isso teria de carregar dentro de mim para sempre a dúvida. Teria conseguido chegar no cume? Claro que não é apenas por isso que estou escalando. Subo porque amo escalar e porque lá no fundo mais forte que todas minhas dúvidas sei que tenho chances reais de chegar lá. Estou muito forte, aclimatado para pelo menos 6400 metros e agora feliz com meus companheiros de escalada.

Mas, também existe o medo, não o medo de não chegar, mas o medo da montanha nos apresentar outra surpresa. Acordei e preparava-me para tomar banho e me veio um pensamento medonho. Era como se eu fosse um prisioneiro na fila da pena de morte e fosse tomar seu último banho e comer sua última refeição escolhida a dedo. Tentei afastar essa idéia, mas ela me acompanhou. Não sou supersticioso, mas é difícil não pensar assim quando aconteceu o que aconteceu. Saí da barraca, fechei o zíper e a última coisa que vi lá dentro foi uma joaninha. Uma joaninha aqui a 5000 metros! Nunca havia visto! Enfim, um bom omen para compensar os maus pensamentos.

Revisei tudo repetidamente. Coloquei na mochila a blusa azul nova que ganhei da Lisete e que havia guardado para usar no cume. Levo comida de cume, um rádio com duas baterias, o telefone por satélite para poder mandar torpedos todos os dias

para a Lisete, e um sleeping bag. Quando saí do campo 2 decidido a voltar a escalar, havia pensado em pular o campo 1 e ir direto para o 2 então deixei meu sleeping de altitude lá. O Milton se voluntariou a limpar o campo 1 para mim amanhã, assim quando descer tenho menos coisas para trazer para baixo. Grande amigo! Sinto tanto que ele não está subindo comigo!! Quebrando minha promessa de não tentar influenciá-lo, ontem sabendo que haveria cordas fixas e que o tempo está espetacular com lua cheia no dia de cume voltei a conversar com ele. Mas, não teve jeito, ele está decidido a esperar aqui embaixo.

Almoçamos e subimos ao campo 1!

Como sempre, o Danny disparou na frente e seguimos eu e o Paul em um passo mais tranquilo. Apesar de pensar que desta vez eu poderia seguir com pouco peso, estava enganado. O Danny, Paul e eu acabamos decidindo levar minha nova barraca Hilleberg já que ela é espaçosa e bastante leve. Além disso, subia também o sleeping bag e as outras camadas de roupas que usaria no dia de cume.

Esta também era a primeira vez que uso minha bota tripla nesta expedição. Até então estava usando a bota dupla, mais ágil e menos quente. A tripla dá a sensação de estar andando com um escafandro, desajeitada e enorme. Mas, no dia de cume tudo isso será compensado por um isolamento térmico muito melhor. Finalmente o dia estava aberto e as vistas que tínhamos eram espetaculares. A trilha já muito conhecida, esta era a quarta vez que fazia este caminho, não deixava de uma certa maneira em ser nova já que estava caminhando sobre o glaciar do Manaslu, uma entidade viva em constante mutação. Cravasses que antes era simples fendas no gelo agora eram grandes buracos que tínhamos de saltar.

No meio do caminho encontramos com o Pedro e sua amiga americana, os dois outros membros da expedição chilena da Patty. Ela, depois da avalanche, tinha decidido encerrar sua escalada e agora os outros dois também desciam. Tinham ido uma pequena parte do trecho entre o campo 1 e o 2 e decidiram que não era seguro. Assim, mais uma expedição decidia empacotar as coisas e voltar para casa. Éramos cada vez menos escaladores na montanha.

Encontramos o campo um em razoável ordem apesar de que para dormir em um lugar razoavelmente plano tive de cavar um pouco de neve e terraplanar.

28 de setembro de 2012 - trigésimo primeiro dia de expedição

Cada vez que tenho de cruzar do campo 1 ao campo 2 me dá um frio na barriga! Acho que não senti isso nem na cascata de gelo do Everest. Lá pelo menos você sente que tem uma equipe de sherpas cuidando, os "Ice Fall Doctors". Aqui não, as cordas fixas tem folgas enormes e dá a sensação de que se você cair em uma cravasse vai bater no fundo antes de que a corda se estique. Além disso, algumas das cravasses são amplas o suficiente para merecerem escadas, mas há apenas uma. Nas outras o remédio é saltar mesmo. Bom, de qualquer forma esta será a última vez que subo do 1 ao 2, não importa o que aconteça.

Saímos às 9 da manhã esperando poder subir em menos de 5 horas. Após meia hora de escalada nos deparamos com o primeiro obstáculo, a cravasse que dá início à grande travessia, o trecho de maior perigo com os enormes blocos de gelo suspensos sobre nossas cabeças. Se antes este trecho me deixava nervoso, agora, após a avalanche provocada exatamente pela queda de um desses, só que muito mais alto na montanha, fico ainda mais apreensivo. Esta cravasse é diferente das outras. Ao invés de ser uma abertura no gelo horizontalmente ela torna-se cada vez mais um degrau com uma abertura no meio. Na primeira vez que cruzamos, a distância entre as bordas era de não mais de um metro. Agora ela transformou-se em uma parede de quase dois metros que temos de escalar com nossos ice axes. Só que entre uma borda e outra existe um abismo de 30 metros. Com o jumbar em uma mão e o ice axe na outra fazemos os delicados movimentos tentando cravar a ponta do ice e dos crampons no gelo azul duro como concreto. Chego em cima ofegante, e demoro mais de 5 minutos para recuperar o fôlego. A partir deste ponto a idéia é cruzar a grande travessia o mais rápido que nossos pulmões e pernas possam nos levar. Vem então a sequência de paredes semi verticais e as grandes cravasses. É impressionante o quanto elas abriram e em uma delas minha capacidade de saltar é levada ao extremo. Quando aterrizo do outro lado vejo que se ela fosse dez centímetros mais larga eu não teria conseguido. Preocupo-me com a volta. Com o céu azul e o sol forte posso quase ver as cravasses abrindo-se. Mas, esta não é hora de pensar na volta. Alias, não é bom nem pensar no dia seguinte. A tarefa à frente é

tão imensa que tenho de pensar apenas no que estou fazendo neste momento, um passo de cada vez.

A previsão de tempo não mudou nos últimos dias, continua sendo boa para até o dia 3 do outubro sendo que o dia ideal será o dia 30 de setembro. Nós estamos mirando no dia primeiro, o segundo melhor. A equipe do Russel Brice subirá dia 30 de modo que temos a garantia de ter cordas fixas com a vantagem de ter menos gente.

Como sempre, chego ao campo 2 aliviado e exausto. No campo 1 tive minha barraca só para mim e estou feliz com a idéia de dormir sozinho novamente. Nos campos 3 e 4 vamos estar dividindo uma barraca entre nós três e as noites nunca são muito confortáveis. Mas, quando chego, encontramos a Eva que me pede para dormir comigo já que ficou supre traumatizada com o campo 2 quando sua pequena barraca chinesa desabou sobre ela na noite da avalanche. Sem muito como negar abro espaço para ela no meio das irregularidades do chão da barraca. Lá se foi minha noite espaçosa...

Um pouco mais tarde, a senhora canadense com quem havia conversado no campo base e que faz parte da expedição do Paul chega do campo 3 dizendo que havia acabado de armar a barraca lá em cima quando uma lufada de vento a levou voando como um balão amarelo para pousar em um lugar completamente inacessível. Ofereci minha barraca do campo dois para ela prosseguir sua escalada. Tanto o Paul como o Danny tinham barracas no campo 2 para usarmos na volta. Ela com gratidão aceitou, passou a noite na do Danny com planos de levar a minha para cima no dia seguinte já que era mais leve do que a do Danny. Se antes já existia um grande senso de comunidade aqui com um ajudando o outro, agora, depois da avalanche, todos se tornaram irmãos sobreviventes de uma catástrofe que poderia ter tomado a vida de qualquer um de nós se tivesse acontecido um dia antes ou um dia depois.

29 de setembro de 2012 - trigésimo segundo dia de expedição

O caminho do campo 2 ao campo 3 é uma série de platôs seguidos por rampas pouco inclinadas. A distância vertical é de pouco mais de 500 metros e é o dia mais tranquilo de toda a escalada, não fosse pela altitude. Ao final do dia você chega a

6900 metros, quase a altitude do topo do Aconcagua. Nesses gigantes do Himalaia as vezes você perde a noção de altitude. São "apenas" 500 metros para chegar a 6900 metros. Na maior parte das montanhas do planeta isto é um exigente dia de cume. Aqui é "apenas" para chegar ao campo 3....

Se por um lado o trajeto não foi difícil do ponto de vista físico, psicologicamente foi muito duro. Um pouco acima de nosso acampamento estava o campo dois superior que apesar de não ter tido vítimas foi completamente destruído pela avalanche. De lá pudemos ver o porque ainda estamos vivos. Três grandes cravasses, agora cheias de neve, haviam absorvido tudo o que desceu de 1000 metros acima. Não fosse por essas cravasses, nosso campo também teria sido varrido. Também podíamos ver o que tinha abaixo de nosso campo, outra grande cravasse para onde teríamos sido levados. Olháva para cima e para baixo calculando se haveria sobrevivido tudo isso. Provavelmente não...

Mas,, a cena mais sombria estava mais acima, não muito mais. No dia em que optei por não subir para participar do resgate por achar que nunca chegaria a tempo de poder ajudar em algo, calculei que o acampamento atingido estava há mais de 4 horas de escalada de onde estava. Outro engano. Na realidade não mais de duas horas de escalada nos encontramos com uma área um forma de leque forrada de restos de barracas, sacos de dormir e destroços não identificáveis. O acampamento 3 havia sido levado montanha abaixo por mais de 200 metros. Lá, naquela noite, os sobreviventes foram encontrados e resgatados. Mais uma vez uma dor transfixou meu coração. Eu poderia, eu realmente poderia ter ajudado. Olhando para tudo aquilo e imaginando o sofrimento dos sobreviventes, confusos, gelados, sozinhos, mais uma vez me culpei por não ter subido. Claro que olhando para trás é muito mais fácil do que na hora, mas mesmo assim...

Por mais duas horas subi encontrando restos pelo caminho até chegarmos ao que tinha sido o acampamento três baixo, ou seja, abaixo do colo. Para abrigarem-se do vento 30 pessoas haviam acampado em uma encosta que se mostrou fatal. No local do acampamento não havia nada, absolutamente nada. Incrível a força da natureza! O campo havia sido varrido completamente, não havia sobrado nada, nem uma marca de que alguma vez lá houve uma barraca, uma pegada, um traço humano. Estava imaculado. O lugar era lindo! Em sua frente, já um pouco abaixo o Neike Peak que

domina o horizonte durante toda a escalada. Atrás o Manaslu Norte, o cume acessório com sua crista repleta de corniças, serrilhado se dirigindo a um cume inacessível pontiagudo, muito mais impressionante do que o cume verdadeiro do Manaslu. Um pouco acima, muito pouco, o colo onde as pessoas deveriam ter acampado, com suas barracas sacudindo ao vento impiedoso que enfrentaríamos esta noite, mas protegidos de avalanche. Que ironia...

E o colo realmente era varrido por um incessante vento de pelo menos 40 quilômetros por hora, desconfortável, barulhento, irritante mas, que pelo menos a princípio, acolhemos com todo o coração. Claro que o preço a pagar era pequeno, estávamos a salvo de avalanches.

Montamos a barraca, fixamos com varetas de bambu, ice axes, barras de alumínio que havíamos trazido com esta finalidade para que não tivéssemos de sair durante a noite para refixar a barraca e nos instalamos tentando encontrar posições de conforto com 3 homens grandes dentro de uma pequena barraca. Como sempre dediquei-me a derreter neve sentado à porta da barraca. Com meus anos de yoga na Índia tenho grande facilidade em sentar em semi lótus enquanto que a maior parte dos montanhistas tem de esticar as pernas, coisa muito difícil de fazer em uma barraca lotada.

Jantamos comida liofilizada e fomos dormir, seis ombros disputando um espaço muito restrito. Eva estava em sua pequena barraca com planos de sair de madrugada direto para o cume. Convidou-me para ir com ela e apesar da tentação de terminar logo a expedição e partir para o cume sem ter de levar carga para o campo 4 e montar novo acampamento, achei que minhas forças não dariam para tanto. Sua proposta tinha lógica. Ao invés de se desgastar com uma noite sem dormir no campo 4, de levar peso para lá, ela sairia só com dois litros de água, um pouco de comida e escalaria 1250 metros leve, de uma só vez e voltaria para dormir no campo 3. Mas, com medo recusei. Além de que preferia muito mais escalar com o Paul no qual, apesar de conhecer pouco, confiava muito mais.

30 de setembro de 2012 - trigésimo terceiro dia de expedição

Sabia que este dia seria duro, mas não tinha idéia real do que me esperava. O desnível, apesar da altitude, não me preparou para a dificuldade do que tinha pela frente. Seriam 550 metros apenas e calculei que em 4 ou 5 horas estaria no último campo. Claro que tudo isso acima de 7000 metros é sempre difícil, especialmente sem oxigênio. Era estranho, por mim passavam outros escaladores com máscaras e acostumado com o Evereste e o Cho Oyu achava normal seus rostos cobertos e estranhava o meu sem, como se eu fosse o "errado" e eles os corretos. Eles me olhavam e podia mais do que ver imaginar sua admiração por este escalador que ousava desafiar a montanha sem a inestimável ajuda de oxigênio suplementar. Lembro-me de ter olhado os poucos que escalavam o Cho Oyu sem oxigênio com esta admiração, quase reverência.

Antes de sair fiz questão de tomar um litro de suco diluído, que nesta expedição tinha descoberto ser a coisa que descia melhor mesmo sem sede. Comi 4 bolachas, tudo que consegui e quando estava quase pronto para sair veio uma náusea muito forte e pouco depois vomitava não só o suco e as bolachas, mas também parte do jantar não digerido. Acho que este momento marca o início de tudo o que se seguiu.

Saindo de nossa barraca o caminho seguia por uma longa rampa de neve bem marcada. Logo de cara nosso ritmo mostrou-se muito lento, mas a quase 7000 metros era o máximo que conseguíamos. Mais uma vez, apesar de todos os planos ao contrário, estava com uma mochila muito mais pesada do que queria. Só a mochila pesava 3 quilos e meio! Tinha comprado uma mochila muito mais leve, de apenas um quilo apesar de seus 80 litros de capacidade, mas pensando no tanto que teríamos de carregar na volta acabei deixando-a no base. Precisava dos 110 litros de minha Gregory para limpar os campos na volta. Além disso, levava o sleeping bag de altitude, o macacão de pena de ganso, camadas de roupas, minha parte da barraca, colchonete inflável e não inflável, um cilindro de gás, dois pacotes de comida liofilizada, snacks para o dia de cume, dois pares de mittens, óculos de ski, rádio VHF para comunicação com o base, telefone por satélite, um litro de água, uma estaca de neve de alumínio. Isso na mochila...No corpo as pesadas botas triplas, cadeirinha com mosquetões, um parafuso de gelo, um oitão, um jumar..

Duas horas mais tarde nos deparamos com um zig zag de mais ou menos 50 metros de altura de gelo puro por onde um grupo de sherpas que havia feito cume descia rapelando. Uma grande quantidade de blocos de gelo voavam lá de cima e comentei com o Paul que a situação estava um tanto perigosa. Coloquei meu jumbar na corda fixa mais por proteção do que por necessidade já que até então a encosta por onde escalávamos não era muito inclinada. Também já estava sentindo-me muito cansado e o apoio do jumbar ajudava. Olhei para baixo e continuei com o repetitivo movimento de colocar um pé, depois o outro, mover o jumbar para cima e colocar o ice axe mais adiante. Absorvido nisso não vi quando um bloco de gelo vôou em minha direção. Estava caminhando e no próximo minuto estava deitado na neve completamente sem saber o que tinha acontecido. Estava tonto, com uma forte dor no lado esquerdo da cabeça e muito assutado. Quando percebi o que tinha acontecido, a primeira coisa que me veio a mente foi a história do escalador no Everest em 96 que sofreu uma queda em uma cravasse, teve um traumatismo craneano e quando foi socorrido estava bem, mas com o passar das horas começou a ficar confuso e pouco depois morria. Eu estava a mais de 7000 metros, não sabia a gravidade do que tinha acontecido e tinha pela frente uma seção bem técnica de escalada em gelo. Não sabia o que fazer. O Paul estava apavorado também e procurava me acalmar embora vendo-o com a respiração disparada de ansiedade não me ajudasse muito. Se voltasse dali seria o fim da expedição. O fato de obviamente prejudicar a escalada do Paul pesava seriamente em minha decisão também. Se seguisse e piorasse seria muito grave. As chances de resgate no campo 4 eram muito pequenas. Os sherpas já tinham saído de lá e os escaladores que estavam no campo 4 tinham acabado de voltar do cume e estavam exaustos. Helicópteros não conseguem voar tão alto. Quanto mais pensava mais preocupado ficava e em um desabafo de cansaço, medo, indecisão cai em um choro profundo que serviu para tirar um pouco da tensão. Fiquei lá deitado e a cada sherpa ou escalador que passava Paul dizia que eu tinha sido atingido por um bloco de gelo. Todos olhavam e seguiam seu caminho sem ao menos perguntar se precisávamos de ajuda.

Aos poucos a dor foi melhorando e após meia hora já não sentia nada e nenhum outro sintoma neurológico tinha aparecido. Estava bem e embora soubesse que tudo poderia mudar em pouco tempo tomei minha segunda difícil decisão nesta expedição. Contrariando um pouco o bom senso e a prudência resolvi continuar.

Aguardamos mais um pouco até não vermos mais ninguém descendo e enfrentamos a mais difícil seção da escalada do dia. O gelo estava vítreo e meus crampons pouco afiados, normalmente para este tipo de montanha você não precisa de crampons muito técnicos, não "mordiam" no gelo com a precisão que eu gostaria para sentir-me seguro. Mesmo assim, com a ajuda do jumar fomos ganhando os metros até que chegamos no platô acima, ofegantes, mas felizes com nosso progresso. Agora não poderia demorar muito...

Este platô levava a um trecho muito inclinado que levava a outro platô e a cada um deles buscava ansiosamente ver alguma barraca que indicava que o campo 4 estava chegando. O Paul foi ficando para trás, cada vez mais cansado. Acho que só prosseguíamos por que sabíamos que o Danny estava lá em cima esperando por nós, já que estávamos com a barraca e com o fogareiro. O cansaço era tanto que se não fosse por isso talvez tivéssemos desistido. Dava cinco passos e parava para descansar e neste descanso quase adormecia.

Após sete horas de escalada chegamos ao campo 4, desidratados, fracos e tremendo de frio. Tínhamos optado sair sem os macacões de pena com medo do calor e, embora por boa parte do dia isto tivesse sido uma boa decisão, agora estávamos pouco agasalhados para a temperatura que fazia. Já eram mais de 3 da tarde e a temperatura tinha desabado. Olhei para o rosto do Paul e vi que ele não estava bem. Em lugar de seu constante sorriso, ele tinha um olhar sério e preocupado e estava parado ao lado da plataforma que o Danny tinha cavado e não fazia nada. A Eva também estava lá, parada, exausta após ter voltado do cume minutos antes. Pedi-me se podia dormir no vestíbulo da barraca até que saíssemos para o cume no meio da noite. Não tinha condições de voltar ao campo 3 esta noite. Sem prestar muita atenção disse que sim, o que mais poderia dizer? Eu estava exausto, sem energias, a beira de hipotermia e tinha o Paul para cuidar que tiritava sem parar. Montamos a barraca rapidamente e coloquei o Paul dentro de seu sleeping bag e ele imediatamente adormeceu. A Eva aninhou-se ao lado dele e dormiu também. Tentei acender um dos dois fogareiros que havíamos trazido, mas talvez devido à altitude, ou então ao fato dos cilindros de gás estarem congelados, nenhum funcionou. Pedi o Danny que pedisse emprestado a alguém um outro e um pouco depois, para meu alívio, ele trouxe um que funcionava. Nesta situação o melhor remédio que existe é líquido quente e para isso precisava do fogareiro.

Aos poucos a situação foi se estabilizando e com o cair da noite estávamos eu, o Danny e o Paul dentro de nossos sleepings e a Eva deitada no avancê da barraca sobre uma cama feita de mochilas. O vento estava terrível e chacoalhava a barraca incessantemente. Antes de dormir, eu e o Paul conversamos e decidimos que não iríamos tentar o cume na madrugada seguinte. O Danny, que tinha de estar em Katmandu dia 6, não tinha escolha, estava cansado, mas iria tentar. Minha decisão de não ir era arriscada. Vinte e quatro horas a mais a 7450 metros sem oxigênio significava com certeza mais desgaste para meu organismo tão debilitado. Ainda não tinha conseguido comer absolutamente nada desde que tinha vomitado e a simples idéia de comer era revoltante. Estava fazendo uma aposta que não tinha idéia qual seria o resultado.

01 de outubro de 2012 - trigésimo quarto dia de expedição

A noite foi pavorosa não só pela altitude, mas também por que estava preocupado com a Eva que não conseguindo dormir pelo vento que entrava por baixo na borda da barraca passou boa parte da noite sentada, encolhida, coberta pela fina neve que entrava pelo avancê. Por causa dela dormimos com a porta da barraca aberta e por mais que eu me abrigasse, a cada lufada de vento nevava sobre meu rosto. Finalmente às 3 da manhã, o Danny saiu para o cume, a Eva veio para dentro, fechamos a porta da barraca e pude descansar um pouco.

Pela manhã sentia-me péssimo. O vento não havia parado, já estávamos com ele há mais de 48 horas e tínhamos vontade de gritar para ele parar e deixar-nos em paz. A Eva finalmente decidiu descer e nos deixar com um pouco mais de conforto. Não pude deixar de ressentir sua presença esta noite conosco. Fiquei com a impressão de que ela planejou tudo de modo a usar nossa barraca como quarto de hóspedes não desejado. Saiu do campo 3 sem nada, sabendo que poderia contar com nossa "hospitalidade" no campo 4. Mas, nós precisávamos desesperadamente de descanso e com ela lá isso não foi possível. Além disso, em nenhum momento ela ofereceu-se para ajudar em nada, nem buscar um pouco de neve para derreter, um trabalho sempre desagradável que envolve colocar as botas, sair do quentinho da barraca e enfrentar o vento de fora para com a pá cavar um saco cheio de neve que se transforma em apenas alguns poucos litros de água.

No fim da manhã, o Danny voltou para o campo exausto. Havia tornado-se no primeiro israelense a chegar ao cume de um 8.000 metros sem oxigênio suplementar. Descansou um pouco e seguiu montanha abaixo. Em seu rosto não havia

sinais de felicidade, apenas cansaço e determinação em sair da montanha o mais rapidamente possível. Como bem sei, a alegria de ter conseguido seu objetivo viria muito depois. Agora tinha em sua mente a preocupação de sair vivo e entre ele e a segurança do campo base haviam muitos obstáculos entre os quais o trajeto entre o campo 2 e o 1.

Paul não aguentava mais ficar na barraca e convidou-me para subir 100 metros em direção ao cume para "ver como era". Na realidade queria movimentar as pernas, pois já estávamos dentro da barraca há 24 horas. Podíamos ver perfeitamente bem como era o caminho para o cume, uma longa rampa pouco inclinada seguindo até onde a montanha se encontrava com o céu azul escuro dessas altitudes extremas.

Fiquei alarmado com o cansaço que senti ao dar uns poucos passos. Sentado dentro da barraca não podia supor que estivesse assim fraco. Voltei decidido a me hidratar e me alimentar. Não teria chance alguma desta forma. Derreti neve, aqueci a água e com uma xícara comecei a tomar pequenos goles de água pura morna. Após tomar mais ou menos um litro comecei a beliscar algumas bolachas salgadas. Era a primeira coisa que conseguia comer em quase 48 horas. Em seguida, consegui comer um chocolate e quanto mais comia e bebia mais forte me sentia. Quando me sentí um pouco mais disposto olhei dentro do meu saco de comidas para ver se tinha algo que me apetecia e tentei comer um pouco de queijo provolone que o Gilson tinha trazido do Brasil e para minha grande surpresa desceu super bem. Nas próximas duas horas dei conta do queijo inteiro, ao redor de 600 calorias que me revigoraram de forma mágica. Quem diria....este é o problema com apetite em altitude. A gente nunca sabe o que nosso estômago vai aceitar, o que vai se tornar atraente e o que vamos rejeitar. Provolone...

Passei o restante do dia desta forma e à noite sentia-me muito melhor e mais otimista em relação ao dia seguinte, o ataque ao cume.

02, 03 e 04 de outubro de 2012 - trigésimo quarto ao trigésimo sexto dia de expedição

Depois de me revirar dentro de sleeping bag por horas, finalmente o momento de começar a derreter neve para preparar-nos para o cume chegou. Estava frio, muito frio. O vento balançava loucamente a barraca e a lua cheia que deveria iluminar tudo estava escondida pela neve que soprava em todas as direções. No dia anterior um guia de outra expedição nos havia dito que tinha recebido uma previsão de tempo de Seattle que dizia que o vento deveria aumentar para 35 quilômetros por hora no cume. Aqui o campo 4 parecia muito mais forte...

O teto da barraca estava coberto por uma fina camada de neve, resultado do congelamento de nossa respiração e qualquer movimento fazia com que uma chuva gelada caísse sobre nós.

Nossa preparação demorou 2 horas e meia. O gás estava gelado e a chama que ele produzia mal dava calor algum. Tudo era feito em câmara lenta e demorava o triplo do que se fosse a uma altitude menor. Mas, mais do que tudo, meu coração não estava neste processo como se eu estivesse fazendo tudo isso para uma outra pessoa e não para mim. Cada célula me dizia que era para eu voltar para dentro do meu sleeping e voltar a dormir. Um desânimo incrível me envolvia. Ah, como me sentia diferente de quando parti para o o cume do Evereste. Naquela noite estava cheio de energia e confiança. Agora uma letargia me consumia, resultado de 35 dias de expedição carregando cargas imensas montanha acima e abaixo. Por outro lado, estava tão perto! Já havia subido cumulativamente mais de quinze mil metros desde que havia partido de Katmandu e agora faltavam apenas 700 metros, meros 700 metros até o tão desejado cume. Dentro de mim uma enorme batalha se travava. De um lado a falta de confiança e o cansaço, um cansaço crônico que deixava minhas pernas pesadas como chumbo e minha alma mais ainda. De outro lado minha vontade de provar a mim mesmo de que eu era capaz, que se pusesse um pé na frente do outro em dez horas estaria lá em cima. Tinha assistido um vídeo de uma escalada do Manaslu no ano passado e a imagem do autor do vídeo chegando no cume, seu sorriso, sua alegria passava em minha mente. Se conseguisse reunir a energia suficiente, aquela imagem poderia ser eu chegando lá.

A saída da barraca foi brutal. Imediatamente sentimos o frio provocado pelo vento. Era óbvio que a velocidade era maior do que os 35 km/hora previstos. Após 30 passos um pouco cambaleantes, comecei a subir. O ângulo era pequeno, suave, mas

mesmo assim estava ofegante procurando descobrir o ritmo adequado. Teria dez horas à frente e precisava encontrar o ritmo. Esta era a chave para conseguir. Isto e a concentração emocional para daí, uma vez encontrado o ritmo, persistir por horas a fio. Mas, nem uma nem outra coisa apareceram. Continuei ofegante e desanimado.

Por uma hora inteira segui assim, mas meu coração não estava lá. Seguia como um autômato ora olhando para o chão ora para a silhueta do Paul que seguia a minha frente. No que pareceu ter passado um tempo infinito olhei para meu altímetro. Ele marcava um ganho de apenas 100 metros. Olhei para trás e vi a nossa barraca, a única barraca que havia sobrado no campo 4, a poucos metros abaixo de onde estava. Todo aquele esforço havia sido quase a toa. Ela estava tão perto. Depois da avalanche, da pedra de gelo na cabeça, de todo trabalho duro de mais de um mês, eu finalmente havia chegado ao fim. Não tinha mais forças, motivação ou até mesmo desejo de prosseguir. Com gestos avisei o Paul que ia voltar. O vento impedia que ouvíssemos um ao outro. Ele disse que iria tentar mais. Mas, sabia que ele não iria longe.

Sem tristeza, culpa ou arrependimentos, virei e voltei para a barraca. Sabia que esta era a decisão mais sábia. Era assim que as pessoas morriam em montanhas como esta. Continuam escalando lentamente rumo ao cume. Vão gastando todas suas forças. Seguem em frente cada vez mais lentamente. E daí, antes, ou mais comumente após chegar ao cume, simplesmente sentam-se e morrem. Usaram tudo, não deixaram nada para voltar. Simples, sem dramas. Sabia que se continuasse seria o mesmo comigo.

O que tinha demorado mais de uma hora para subir, percorri em minutos na descida. Instalei-me dentro do sleeping e imediatamente adormeci.

Algum tempo depois, não saberia dizer quanto, o Paul entrou na barraca. Dei um tapinha em seu braço que queria dizer que entendia perfeitamente o que ele sentia e só fomos conversar horas depois quando ambos acordamos. Já eram 10 da manhã e precisávamos descer se queríamos chegar no campo 2 neste dia. Começava aí talvez as piores, as mais duras 48 horas de minha vida. Destes dois dias guardo apenas um contínuo de exaustão, medo, oscilando entre a certeza de que não sairia vivo com uma esperança de que no fundo tudo daria certo.

Desarmar a barraca com o vendaval foi nossa primeira provação. Cada movimento custava muito e quando finalmente nos pusemos à caminho, era como se nunca tivéssemos descansado.

O que se seguiu foram oito horas de sofrimento para chegar à segurança do campo 2. Cada passo custava um esforço consciente de avançar, mesmo em descidas suaves. A seção de gelo técnica custou muita concentração, já que não podia confiar nas pernas que não obedeciam. Mesmo em encostas suaves resolvi rapelar ainda que isso tomasse mais tempo. Se escorregasse pelo menos estaria preso no rapel.

Chegamos ao campo 3 quatro horas depois para encontrá-lo completamente abandonado. Achemos uma barraca da empresa Seven Summits e lá nos abrigamos por meia hora, o tempo de derreter água e nos alimentarmos um pouco já que o vento continuava feroz. Um pouco mais fortalecidos seguimos rumo ao campo 2. Uma medida de como estávamos fracos foi o tempo que levamos até lá, uma caminhada fácil e tranquila. Para nós, mais uma luta. Contava 30 passos, minha meta sem descansar, mas quando chegava aos 25 normalmente tinha de parar, sentar e recuperar meu fôlego.

Chegar ao campo 2 no fim da tarde foi como chegar a um porto seguro depois de enfrentar uma tempestade quase fatal. Desabamos em nossa barraca que estava armada nos esperando e respiramos aliviados. Estávamos salvos. À nossa frente tínhamos um trecho perigoso, mas conhecido e que já havíamos feito várias vezes. Estaríamos descansados, em altitude muito mais humana e em poucas horas estaríamos no campo base. Acalentados por estes pensamentos otimistas adormecemos sob uma nevasca que começava a cobrir tudo. Finalmente tínhamos um outro som de fundo, não mais o brutal sacolejar do nylon da barraca sob o vento infernal, mas o suave ninar da neve tamborilando no teto. Hoje, se pudesse ter escolhido, teria preferido que o vento tivesse continuado. Irritante, minando nosso emocional, ele não teria tido maiores consequências. Já a nevasca, ela teria consequências muito mais graves em nosso próximo dia.

Acordei com o Paul sacudindo a barraca para tirar a neve que havia acumulado na barraca durante a noite. Abrimos a porta e nos deparamos com uma linda visão. Emoldurada pela porta da barrca estava o Nykie Peak surgindo imponente,

novamente com seu pico acima de nós. Já tínhamos estado bem acima dele...Um sol tímido tentava perfurar as nuvens sem muito sucesso. Sorrimos um para o outro, a expedição basicamente havia acabado, só restava descer. Mas, a inércia era maior do que a vontade e fomos nos deixando ficar deitados nos sleepings curtindo o silêncio. Nem neve nem vento perturbavam a paz do momento. Quem sabe o sol conseguisse sair e secasse a barraca. No dia anterior já tínhamos descido com 30 quilos. Agora tínhamos mais uma barraca, três quilos cada um, alguns cilindros de gás e comida que estavam no campo 2. Se pudéssemos levar a barraca seca seriam algumas gramas a menos.

No meio da manhã o único outro habitante do campo 2 veio nos visitar. Victor é colombiano, tinha iniciado tarde sua expedição e só havia feito um ciclo de aclimação e neste ciclo acabou desenvolvendo um edema cerebral sério que o obrigou a descer até Sama Gaon para recuperar-se. Normalmente após um quadro assim não é recomendado subir à altitude nos próximos 2 ou 3 meses, mas ele, contrariando a recomendação de seus companheiros de escalada, resolveu subir novamente e agora seus planos eram de passar duas noites no campo 2, deixar montado o campo 3 e descer ao base para esperar pela próxima janela que está prevista para o dia 11 ou 12 de outubro. Conversando com ele, acabei lembrando-me que já o havia conhecido no ano anterior. Mesmo eu, que não guardo rostos com facilidade, lembrei-me de um simpático sul americano que andava pelas trilhas do Khumbu ajudando os tocadores de yaks a levar seus rebanhos para o campo base. No início não sabia se ele era nepalês ou o que. Seu rosto poderia ser de um local, mas vestia-se com roupas estrangeiras de boas marcas de montanha. Tentei conversar com ele em nepalês e ele não entendeu nada. Aí sim soube que era colombiano e estava fazendo isso por pura diversão.

Nos despedimos desejando uns aos outros boa sorte, embora eu tenha ficado muito preocupado com ele absolutamente sozinho na montanha.

Um pouco antes de sairmos, um helicóptero começou a rondar o campo 2 sem que entendêssemos qual era seu objetivo. Por fim acabou pousando na plataforma 30 metros acima de nosso campo e alguns minutos depois decolou e vôou em direção ao vale. Meia hora mais tarde, dois sherpas meus conhecidos passaram em frente de nossa barraca dizendo que finalmente haviam achado o corpo de um dos franceses

que havia desaparecido, após muita pressão da Embaixada Francesa para que uma busca sistemática fosse feita. O corpo estava dentro de uma cravasse enterrado por metros de neve. Sempre que escalo falo para meus companheiros de montanha que se algo acontecer comigo, por favor, não façam nenhum esforço para levar meu corpo de volta ao Brasil. Me deixem onde estou, nas montanhas, não tanto por ser um lugar onde gostaria de passar a eternidade, mas sim porque normalmente isso envolve um esforço extremo, não raro um grande risco para os resgatantes e um custo não justificável. Neste momento será apenas um corpo, nada mais. Sei que para as famílias muitas vezes é importante ter o corpo por perto, mas para meu modo de ver isso não justifica.

Finalmente, ao meio dia estávamos prontos para partir. O tão esperado sol nunca veio, pelo contrário, a nevasca havia recomeçado com força total. Nossa esperança era de que com o sol a trilha limpasse um pouco, mas assim que saímos vimos que estávamos completamente enganados. Há vinte metros de nossa barraca já não havia trilha alguma. Mesmo as pegadas dos dois sherpas já estava apagada e em pouco tempo estávamos perdidos dentro de um nevoeiro que nos dava cinco metros de visibilidade. A neve acumulada durante toda a noite com a consistência de açúcar nos fazia afundar até os joelhos a cada passo, deixando nosso avanço não só agonizantemente lento como extremamente cansativo. As cordas fixas tinham desaparecido enterradas pela neve e o medo, dormente até então, voltou com força total. Desta forma jamais conseguiríamos chegar nem ao campo 1. Por entre a luz leitosa do nevoeiro entrevia cravasses por todos os lados e não era apenas paranóia, elas estavam ao nosso redor. Estávamos em plena cascata de gelo do Manaslu, o trecho mais perigoso de toda escalada e não tínhamos idéia de para onde ir. Não havia outra maneira do que parar e esperar por uma melhora da visibilidade para ver se achávamos uma corda fixa em algum lugar.

Após alguns minutos, realmente pudemos ter uma visão um pouco mais ampla e enchemos um pedaço de corda mais adiante. Com muito cuidado fomos em sua direção e conseguimos seguir. Caminhava com muito cuidado no que eu imaginava que era a trilha embora de tempos em tempos minha perna afundasse até a coxa e com a mochila me desequilibrando acabava deitado na neve, o que me custava um grande esforço para colocar-me de pé novamente.

Chegamos então à primeira cravasse. Não podia acreditar no tamanho dela. Havíamos passado por ela há apenas 3 dias e no entanto estava muito mais larga. Não havia maneira de saltá-la com as mochilas. Enquanto eu tirava a minha, o Paul jogou a sua no chão e deu um grande salto para o outro lado. Depois me disse que se pensasse muito não conseguiria. Ele tinha razão. Eu fiquei parado hipnotizado pelo tamanho do abismo que se abria à minha frente e no fim disse a ele que não conseguiria ter coragem para este salto. Sabia que não tinha outra maneira, outra saída, mas simplesmente não conseguia. Para ganhar tempo fui armando um sistema de tirolesa para passar as mochilas pesadíssimas. Clipei a mochila em um mosquetão, amarramos um cordão no mosquetão e empurrei a mochila para o abismo. Do outro lado, com muito esforço, o Paul puxou o cordão e conseguiu levantar a mochila para a outra borda. Refizemos o processo com a outra mochila e finalmente não podia adiar meu salto. Com botas pesando 3 quilos, crampons e sem poder correr para tomar impulso, um salto de dois metros não é uma coisa muito fácil, principalmente se abaixo de seus pés um buraco negro de 30 metros de profundidade te espera. Sem outra escolha, respirei fundo, segurei meu ice axe com força, despedi-me da vida e saltei....a aterrisei firmemente do outro lado. Uma a menos...

Após mais umas tantas cravasses, vimos pelo meio do white out a escada que me trouxe dois sentimentos, um de alívio, pois sabia que depois disso não faltaria tanto até o campo 1. Até então não tinha muita idéia de onde estava no emaranhado da cascata de gelo. Por outro lado, a escada sempre apresentava surpresas e sempre que tive de cruzá-la o fiz com o coração nas mãos. Desta vez não havia de ser diferente. Fui na frente e quando cheguei perto vi que a cravasse novamente havia se aberto e mais uma vez, apesar de dupla, a escada flutuava no ar apoiada apenas pelas cordas. Desde que a cruzamos pela primeira vez esta cravasse havia dobrado de tamanho!! Desescalei a rampa que levava a escada, entrei de costas de modo a ter mais apoio e daí, uma vez que tinha os dois pés apoiados nos degraus fiz a difícil manobra de virar de frente para completar a travessia. Cheguei do outro lado ofegante como sempre, mas feliz, um obstáculo a menos rumo à segurança.

Paul seguiu os mesmos passos que eu, mas ao tentar virar de frente percebeu que os dentes do crampom do pé esquerdo haviam ficado presos no degrau e não havia maneira de soltá-los. Desci no meu lado de volta à escada para com um pé tentar

fixar o movimento dela enquanto ele freneticamente sacodia a escada para soltar o pé. Depois de alguns tensos segundos, seu pé soltou-se e ele conseguiu atravessar sem maiores problemas.

À nossa frente a grande travessia e a última cravasse, a que na subida já estava muito maior e que tivemos de escalar em um ângulo negativo. Passamos pela travessia o mais rápido que pudemos. As encostas agora carregadas de quase 24 horas de nevasca eram uma bomba relógio para a próxima avalanche. E chegamos a última cravasse Desta vez adotei a técnica do Paul. Enquanto ele perguntava se deveríamos tentar desescalar ou saltar, eu simplesmente cheguei na borda e saltei os 3 metros verticais rumo a uma pequena plataforma de neve sólida do outro lado. Se tivesse parado para pensar, não teria feito. Já não tinha adrenalina dentro de mim. Estava exausto, amedrontado e querendo acabar tudo, de uma forma ou de outra. Como zumbis caminhamos em direção à barraca no campo 1. Estamos salvos! Ao longe, vejo uma figura em pé ao lado da barraca, mas não tenho idéia de quem seja. Ao chegar mais perto vejo que é o Milton que subiu para ajudar-nos com o peso que temos de levar para baixo. No campo 1 mais uma barraca, mais comida, mais gás. Não consigo nem expressar minha alegria ao vê-lo, nem tanto por causa da ajuda para levar tudo ao base, mas sim por ser alguém que pertence ao outro mundo, aquele que deixamos cinco dias antes onde as pessoas vivem de maneira normal, onde comem com apetite, dormem noites inteiras, não passam medo e sorriem. Isto tudo, neste momento, parece pertencer a algo de muito tempo atrás, de um passado distante.

A nevasca está cada vez mais forte, já são 16 horas e o frio aumenta. Nos abrigamos muito mais, descansamos alguns minutos e partimos, agora seguindo o Milton que nos avisa que mesmo neste trecho sempre tão tranquilo as cravasses abriram e tem uma, quase chegando ao base que está bem difícil. Meu coração afunda. Não esperava por esta notícia. Mando mais um torpedo para a Lisete contando que estamos no campo 1 e que tudo está bem. Nas últimas semanas estabelecemos uma rotina que alimenta meu coração, uma pequena troca de torpedos através do satélite, de manhã e a noite, os horários que coincidem com o fuso de 9 horas entre o Nepal e o Brasil. Ela está super preocupada e agora faço questão de dar notícias de cada progresso.

Mais do que escurecer, a qualidade da luz muda, ficando ainda mais suave. Durante todo o dia não pude ver muito além de poucos metros à minha frente. Sigo o Paul que está seguindo o Milton. Mal reconheço onde estou, tudo está diferente carregado de neve fresca. Mas, também não ligo, quero apenas chegar na cravasse que terei de saltar, na última cravasse que me separa do base. Sei que depois dela não terei de caminhar muito mais. Meus lábios que queimaram com o frio e o vento dos últimos dias estão com úlceras e cada vez que uma das pequenos flocos como bolinhas de isopor da neve seca que cai atinge uma dessas úlceras sinto uma dor lancinante. Tento protegê-las com o casaco, mas sinto dificuldade em respirar com a gola do casaco até em cima e tenho de expor os lábios.

No meio do caminho recebemos uma chamada de rádio do sherpa da expedição do Paul dizendo que ele está à caminho para ajudar-nos. Não entendo quem o enviou, mas estou feliz de qualquer modo. Mais tarde, muito mais tarde, fico sabendo que a presença dele lá foi resultado de uma complexa rede de ligações que começou com a Lisete no Brasil chamando o Sunir em Katmandu que conseguiu que alguém em Sama Gaon chamasse o campo base e acionasse a ajuda. Momentos mais tarde, agora já completamente de noite, encontramos o sherpa que toma a mochila do Paul, mais pesada do que a minha. Ele, com a perda de altitude, recuperou suas forças. Eu, apesar disso, continuo fraco. Ele toma a minha e eu sigo quase sem peso, mas mesmo assim muito fraco.

Meu campo de visão restringe-se ao foco de minha lanterna de cabeça, mas o terreno não é difícil e sigo lentamente, mas sem dificuldades. De repente, o sherpa a nossa frente desaparece. Tinha caído na cravasse, no nosso último obstáculo. Como tantos outros sherpas, ele quase morre por confiar demasiadamente em suas habilidades e por subestimar a montanha. Como percorrem tantas vezes este trecho do base ao 1, normalmente fazem sem crampons e raramente se clipam nas cordas de segurança. No Evereste, nesta primavera, um experiente sherpa morreu na cascata de gelo exatamente por isso. Estava atravessando uma das escadas quando outro sherpa começou a cruzá-la. Perdeu o equilíbrio e desabou dezenas de metros. Se estivesse clipado nas cordas de segurança nada teria acontecido.

Eu e o Paul ficamos transfixados observando o sherpa tentando subir em um pilar central que é o que sobrou da ponte de neve pela qual antes atravessávamos

enquanto o Milton saltou a frente para ajudá-lo. Mas, não foi necessário. Ele conseguiu recuperar o equilíbrio e chegou ao outro lado. Com muita precaução atravessamos, um pé de cada vez tentando pesar tão pouco quanto conseguíamos.

Finalmente, às 20 horas, avistei a pequena luz de nosso acampamento, praticamente o único que ainda existia no campo base outrora habitado por mais de 400 pessoas. Entrei em nossa barraca refeitório sem realmente acreditar que estava lá. Iluminada, aquecida e com o abraço de minha equipe. O pesadelo tinha acabado!

DEDICATÓRIA

Por mais de trinta anos minha vida está profundamente conectada com o Nepal e seus habitantes, principalmente os Sherpas. Não é exagero dizer que a pessoa que sou hoje traz marcas profundas deste contato. Nestes muitos anos aprendi a admirá-los e respeitá-los como seres humanos e como profissionais de montanha. Em nenhum outro povo encontrei tamanha dedicação e busca de perfeição naquilo que fazem.

Depois de escalar duas montanhas com mais de 8.000 metros, o Cho Oyu e o Everest, com a participação deles, decidi tentar escalar o Manaslu, a oitava mais alta montanha do planeta, sem contar com a ajuda de sherpas. Esta é a história deste livro. Mais do que nunca senti na pele o quão bravos, fortes e capazes eles são.

Dedico este livro a este grupo de pessoas formidáveis que ajudam de forma inestimável a realização de tantos sonhos.

Manoel Morgado

AGRADECIMENTOS

Gostaria de todo coração agradecer as pessoas que fizeram possível a concretização desta expedição. Ao meu amigo e parceiro comercial de muitos anos, Sunir Gurung, devo a organização perfeita de meu campo base, um oásis de descanso e recuperação após os dias duríssimos nos campos altos. Também gostaria de agradecer a minha equipe de campo base: o cozinheiro Sonan, o auxiliar de cozinha Mony, o base camp manager Rinji. A eles devo tornar esses dias no campo base mais do que apenas dias de espera e aclimatação.

Por muito tempo sonhei em fazer uma expedição a uma montanha como o Manaslu com um seleto grupo de amigos. Expedições como esta são física e emocionalmente muito exigentes e estar com pessoas que você gosta, com quem você se dá bem, com quem você consegue rir diante das inúmeras dificuldades é fundamental! Assim que comecei a planejar esta expedição pensei no Milton Marques para ser meu parceiro. Nesses três anos que nos conhecíamos minha admiração por ele enquanto pessoa e montanhista só cresceu. Dividir esses duros dias com ele foi uma honra e um grande prazer. Dorji Tamang conheço há muitos anos e por 3 meses por ano trabalhamos juntos nos treks que organizo ao campo base do Everest e outras regiões do Nepal. Foi um grande prazer fazer na companhia dele este voo mais alto. Gilson Francisco, no decorrer do ano que passamos juntos treinando para que ele também pudesse realizar seu sonho de Everest, transformou-se em muito mais do que um cliente e lhe agradeço por seu bom humor e generosidade. E finalmente a Paul Hudson, meu companheiro de tentativa de cume, devo o apoio e amizade em alguns dos momentos mais difíceis de minha vida.

Gostaria também de agradecer a Elias Luiz do Portal Extremos pelo apoio que vem me dando nesses anos e por ter imediatamente abraçado a ideia da publicação deste livro através do Portal.

A Lisete Florenzano agradeço seu apoio irrestrito antes, durante e depois da expedição. Nos momentos mais sombrios da escalada ela sempre esteve presente através de nossas conversas por telefone por satélite me ajudando e estimulando a continuar mesmo que isso significasse horas e dias de muita preocupação. E, mais do que nunca, agradeço sua ajuda naquelas últimas horas da descida onde ela, a uma distância de 20.000 quilômetros, coordenou a ida do sherpa para ajudar minha descida.

E finalmente gostaria de agradecer muitíssimo a Fabiana Atallah, minha companheira de jornada mundo afora nesses últimos 18 meses e de quem recebi amizade, amor, companhia e alegria. A ela agradeço suas sábias sugestões neste livro e sua revisão.

SOBRE O AUTOR

Manoel Morgado formou-se em medicina mas após 5 anos de atividade profissional como médico percebeu que suas outras paixões, viagens e montanhas, o chamavam de forma irresistível. Deixou o Brasil e, desde então, nestes 25 anos, tem rodado o mundo ininterruptamente sem base fixa, guiando brasileiros em expedições de trekking e escalada nos sete continentes. Paralelamente a sua atividade profissional como guia de montanha escalou as principais montanhas do mundo, sendo o segundo brasileiro a escalar os Sete Cumes, a montanha mais alta de cada continente, e o oitavo e mais velho brasileiro a escalar

o Monte Everest. Em busca de um novo desafio e para testar seus limites, em 2012 escalou o Manaslu sem a ajuda de oxigênio suplementar e de sherpas.

CONTRA CAPA

O que o ser humano busca ao testar seus limites e buscar se superar? É apenas o Ego agindo ou ao ultrapassar aquilo que considera impossível um novo entendimento de quem ele é o ajuda na difícil tarefa do auto conhecimento? Ao encarar frente a frente seus medos reais ou auto impostos, difíceis decisões têm de ser tomadas e suas consequências têm de ser aceitas de forma irreversível.

Este não é simplesmente um relato da escalada de uma montanha. É sobre a busca de superação que sempre norteou a vida do autor. Após ter escalado o Cho Oyu e o Everest, Manoel Morgado decide escalar o Manaslu, a oitava mais alta montanha do planeta, sem a ajuda de sherpas e sem o uso de oxigênio suplementar. O objetivo, já duríssimo por si só, torna-se ainda mais desafiador ao ter de decidir abortar ou não sua escalada após se ver frente a frente com a morte em um dos maiores acidentes da história do montanhismo no Himalaia.

PRIMEIRA ORELHA

Em agosto de 2012, em plena época das monções, Manoel Morgado parte de Katmandu para enfrentar o maior desafio em sua longa carreira de montanhista, a escalada da oitava mais alta montanha do planeta sem a inestimável ajuda dos sherpas e sem o uso de oxigênio

suplementar. Nos próximos dois meses ele enfrentará condições duríssimas de clima, esforços físicos sobre-humanos e duas das mais difíceis decisões de sua vida.

Em um relato emocionante, o autor conta o dia a dia de uma expedição a um dos gigantes do Himalaia, seus perigos, os momentos mágicos e suas tragédias. Mas, mais do que tudo, sua luta para entender o que o levou até lá.

"Voltei anteontem ao campo base depois de cinco dias na montanha, alguns dos mais intensos de minha vida. Desde que saí daqui do campo base, tudo mudou e tenho dificuldade em dar algum sentido a tudo o que aconteceu. Sempre que desço, uma das primeiras coisas que faço é escrever no meu diário para captar a emoção do momento. Mas só agora, 48 horas desde que cheguei, consigo sentar e escrever. Antes tinha que processar o que estava passando no meu coração e organizar minha mente, que está em completa desordem. Hoje, embora ainda esteja dividido e com bastante medo, já tenho minhas decisões e sei o que acontecerá em um futuro breve: apesar de tudo, vou escalar o Manaslu.

Ver a morte tão de perto é uma experiência chocante."